

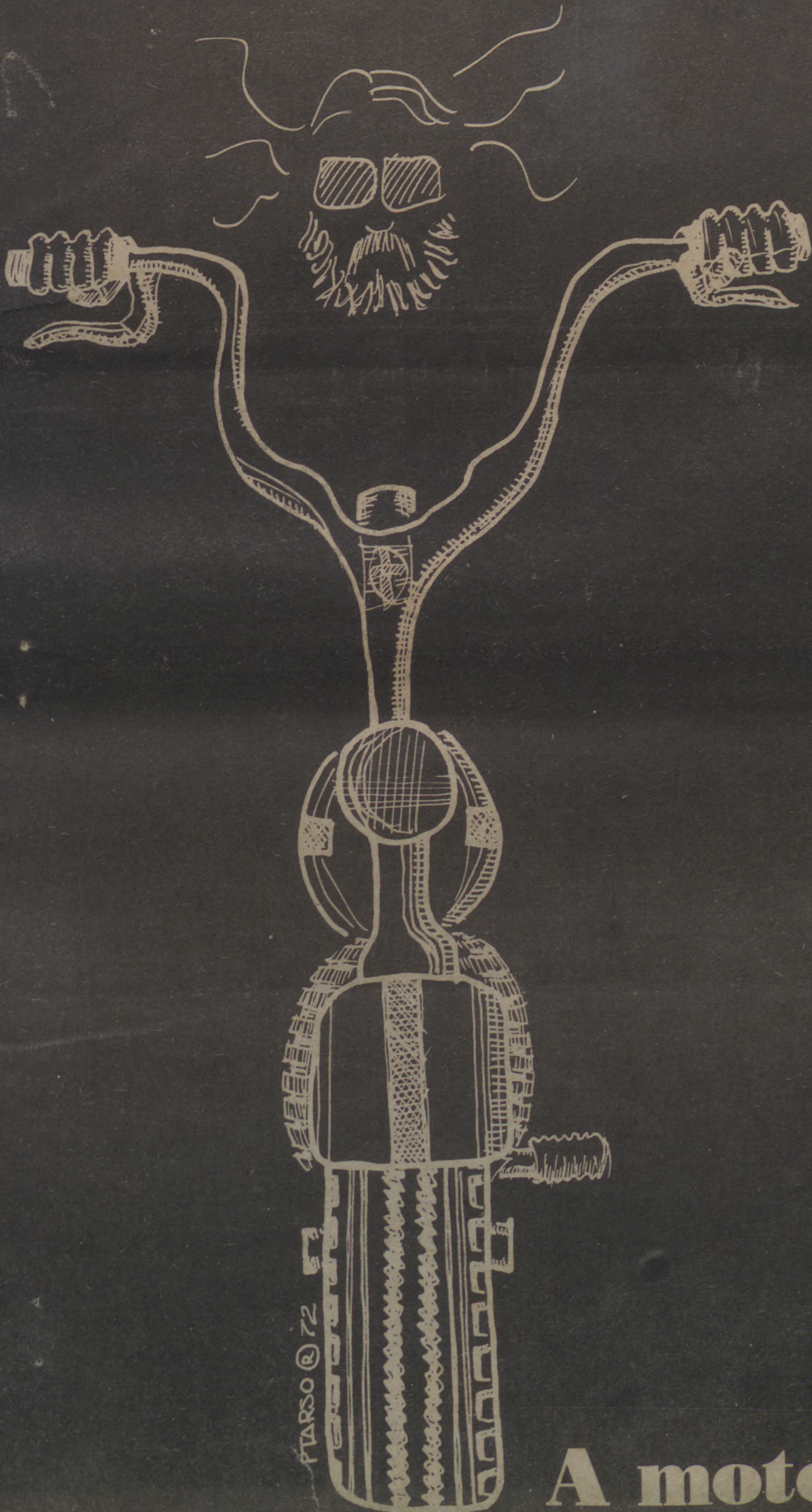
três por quatro

PORTO ALEGRE

DEZEMBRO DE 1974

ANO 3

Nº 5



A motoca

Página 7

DANDO FORÇA



Paulo de Tarso de Borba Riccardi, 24 anos, nascido em Bagé, criado no Menino Deus. Estuda Jornalismo e Ciências Sociais na Unisinos, depois de ter abandonado Arquitetura. Publica desenhos no Carrinho, Surpresa, Folha da Manhã. Seu primeiro desenho foi publicado no Exemplar.

Repórter e redator da Folha da Manhã. Ex-redator da Rádio Continental, desde a criação da rádio-jornalismo até o fim da primeira fase. Produtor do futuro (10 de outubro) **Porto Visão**, no Canal 10, das 12 às 14 horas.

No encarte, o que há de bom e de novo em comunicação. Nossos humoristas têm agora uma oportunidade permanente de divulgação com o novo suplemento de humor que sai na edição de sábado da Folha da Manhã — o **QUADRÃO**. Na página 10 vemos o que é e como surgiu. Fraga, autor de **Bugigan-gas**, aparece na intimidade também na 10. E **Rango**, o anti-herói da civilização do lixo, que diariamente nos faz rir e pensar, é analisado na página 11 por seu criador, Edgar Vasques. Falando em cartum, esta edição está temperada com a criatividade do Tarso, a quem agradecemos a colaboração.

Ainda no encarte temos a comunicação visual da Eneida, na central, Comunicação em circuito interno é usada no Autódromo de Tarumã (rádio) e na Estação Rodoviária (televisão). Isto está na página 14. Na 15 a Imara mostra que o jornalismo infantil tem muito pouco de jornalismo.

A imprensa do Perú ficará mesmo livre do domínio dos grandes grupos econômicos? A encampação dos maiores jornais peruanos e sua entrega a setores até então marginalizados pelos meios de comunicação são abordadas na página 16.

Nas páginas 8 e 17 temos o lazer. Mesmo num país onde a preocupação de mais da metade da população é a sobrevivência, e que fazer nas horas vagas é um problema que preocupa. Uma pesquisa com alguns dos maiores experts na matéria mostra novos ângulos do assunto.

Como em todas as cidades do mundo, também aqui os motoqueiros, com suas correrias, preocupam a "comunidade" e a polícia. Na página 7, as motos e os papos de seus donos.

Escurinho, ponta-de-lança do Internacional, é compositor. A outra faceta da personalidade do jogador está na página 3.

Na página 20 tem a publicidade, que está se tornando o 23º jogador a entrar em campo através de artimanhas e contratos assinados por times inteiros com fábricas de refrigerantes, bancos e empresas diversas. Um paralelo entre hipismo-esporte e turfe-profissão é feito na página 4.

E a superação da deficiência física através do esporte é abordada na 19.

As artes ficam com quem de direito, que neste caso é o Lisbôa. Ele mostra o que existe em Porto Alegre e como a arte pode ser levada ao público mais pobre e ignorante. Isto está na página 23, onde temos uma entrevista com Murilo Carvalho, que fala sobre o conto. E na 24 vemos que com deficiências de verbas, instalações precárias e pessoal sem habilitação, os museus do Rio Grande do Sul não têm condições de cumprir suas finalidades. O Júlio de Castilhos, considerado o melhor do Estado, para o historiador Paulo Xavier é um "bric-à-brac".

Nesta página, a crônica do colega Rosito, que é também o mais novo colunista da Folha da Manhã.

DISCO FANÁTICO

Rosito

A opinião pública se tornou um disco fanático, um coro regido pelos shampoos, cigarros e vitrines. Um rebanho com radinho no ouvido, televisão no quarto, displays nos armários. Uma cultura de fotonovelas, fofocas e futebol, onde os ideais variam com a lua, decretos e jeitinhos. Enquanto os direitos humanos morrem de gripe, resfriado e dor de cabeça.

Como o bolso é o calo do homem, a cruzada publicitária só não vende a mãe por ser a data mais lucrativa depois do Papai Noel. Paralelamente, cada liquidação promete ser uma espécie de Dona Palmira dos consumidores, numa campanha de proteção ao freguês desconhecido. "Ou acaba-se com a poluição comercial, ou o mercado consumidor se reduzirá aos armadores e floristas", cochicham os publicitários e clientes.

Mas as guerrinhas apocalípticas pelo pé do consumidor, matam seus direitos com tapinhas nas costas e um sorteio analgésico. Um carrinho vende bom senso como se fosse uma bijuteria moral, compra-se um superluxo com status automático. De repente, um sabonete corta o programa como um cafetão eletrônico, oferecendo uma louira para ser usada três vezes ao dia.

No próximo comercial uma morena de brinde jura resolver o problema com apenas uma aplicação local.

Assim, um seio portátil passa a ser uma das vantagens químicas do xarope Chup-Chup.

Prestígio social entra no acabamento dos quadrúpedes motorizados. Um popô prá lua se torna parte da complexa linha de produção das sardinhas Come as Costas. Um comprimido possui dez miligramas de QI. E o consumidor sente-se um Einstein, um Don Juan, uma Florinda Bulcan, o Joãozinho do passo certo, um lorde inglês.

A venda por tabela é algo como encha seu tanque, a Ipirela esvazia. Se a proteção do consumidor depender das promoções publicitárias, cada família terá dois liquidificadores por cabeça, quatro enciclopédias por peça, rádios berrando do bidê ao baú, chefe de família brincando de trenzinho no escritório, dona de casa pulando corda, o nenezinho de mês e meio alimentando um computador de quarta geração, a empregada cozinhando com um longuinho de vison no pescoço.

Se o consumidor por sua vez se empanturna com a mesma mercadoria, cuja única novidade está no tom de voz do apresentador, então só tirando Sigmund Freud do caixão para explicar.

TRES POR QUATRO

Órgão dos alunos do Curso de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação — UFRGS

Registrado no cre Porto Alegre / sob o nº 620/72 Rua Jacinto Gomes 540, 3º andar — Porto Alegre — RS.

Diretores Responsáveis
Marta D' Azevedo
Silvio Wallace Duncan
Laerte Cafruni Martins

Redação

Luiz Carlos Lisboa
Elcio Souto dos Santos
Cleusa Dorneles
Aldo Schmitz
Carmen Diniz
Liana Milanez Pereira
Liane Leijnitz R.
Maria de Fátima Almeida
Eneida Serrano
Clóvis Heberle
Antônio Carlos Rosito
Ayres Cerutti
Eva Maria de Castro
Jane Lejderman
Lenora Maria Vargas
Maria de Lourdes Reis
Mário Rocha
Maristela Bairros
Mauro Pacheco Toralles
Nelcira Nascimento
Regina Vasquez
Rosvita Saueressig
Telmo Zanini
Imara Stallbauh Britto
Marlise Schneider
Marieta Germani Martins

Coordenadora Geral
Helena Roennau Lemos
Impresso nas oficinas da Gaúcha
Gráfica e Editora Jornalística SA.
Av. Ipiranga 1075 Porto Alegre

MALDITA MULHER

É uma das primeiras músicas do compositor Ecurinho. Ele afirma que não nasceu na Ilhota, mas diz que foi "bem perto de lá". Por isso, seu ritmo, e suas 25 composições até agora mostram uma clara influência dos velhos sambistas da Ilhota, principalmente da escola "Imperadores do Samba". Mas Ecurinho não pretende ser apenas um compositor de sambas. Ele está disposto a pesquisar e estudar para melhorar a sua formação musical.

Por enquanto, as composições de Ecurinho têm letras simples, uma música com poucas variações e, se possível, um refrão para tornar ainda mais fácil a assimilação. Falando de amores impossíveis, de desilusões e até de uma "maldita mulher", ou ainda na alegria ingênua e nas satisfações passageiras — temas preferidos dos sambistas tradicionais, de formação marcada pela influência das escolas de samba — Ecurinho já compôs 25 músicas. Pelo menos 12 delas, ele considera que têm qualidade suficiente para serem gravadas, formando um disco de bom nível, em condições de fazer sucesso e alcançar uma boa repercussão.

Minha primeira preocupação é fazer uma música bem fácil para poder ser cantada e aceita com facilidade pela massa que compra discos. As vezes, reconheço que o nível das músicas chega a ser inferior ao que eu poderia fazer, mas antes de mais nada estou procurando ficar conhecido como compositor. Depois, penso seriamente em estudar música e fazer composições mais sérias e mais trabalhadas, para a classe A.

O caminho escolhido por Ecurinho compositor é bastante semelhante ao percorrido por ele nos seus cinco anos como jogador profissional do Inter. Até ser reconhecido como um bom jogador e ganhar a posição de titular, Ecurinho passou por clubes pequenos, do interior, viveu várias vezes a alegria de jogar poucos minutos marcar um gol e, em seguida ser esquecido até pela própria torcida. Só conseguiu

se firmar quando passou a dedicar todo o seu tempo para o futebol, sacrificando inclusive a música. Um jogador não pode, ao mesmo tempo, jogar bem e passar as noites compondo. Ecurinho reconhece isto, mas não considera o futebol como um obstáculo, e sim uma maneira de chegar aos seus objetivos como compositor.

- Na madrugada é que a gente tem as melhores idéias. A inspiração chega com mais facilidade. Acho que é porque toda a cidade está mais quieta, as pessoas — na maioria — dormem e tudo fica mais tranqüilo. Mas eu sei que não poderia ficar compondo até de manhã. Eu preciso do futebol, que é onde ganho dinheiro e a maneira como poderei conseguir os meios para completar minha formação musical mais tarde. Não ia adiantar nada eu deixar a bola, e ficar nos bares compondo como já aconteceu com alguns amigos meus. Eles mesmo me aconselharam a continuar com o futebol, quando tive dúvidas. Agora, mesmo jogando, eu tenho tempo para fazer algumas músicas, pegar o violão de vez em quando e compor. Quando parar com a bola, vou estudar música mesmo, e não terei problemas, como acontece com amigos meus, que têm boas idéias, fazem músicas, mas não têm condições para comprar instrumentos adequados, nem aperfeiçoar o seu trabalho.

Com 24 anos, compondo desde os 20, Ecurinho demonstra uma autocrítica suficiente para julgar com sobriedade e acerto o seu trabalho como compositor. Ele não espera conseguir sucesso apenas com o nome já conquistado no futebol. Ecurinho fala em Gilberto Gil — um dos compositores que toma como modelo —, e lembra que Gil também começou compondo sambas até bastante simples e depois, com trabalho e muito estudo, foi modificando sua música, passando por diversas etapas. Ele acredita que poderá ter uma experiência mais ou menos semelhante, na música.

- O trabalho do compositor depende do estado de espírito e da tranqüilidade com que ele vê as coisas. Eu, por enquanto, faço meus sambas e vou ficar assim: começando pelos mais simples porque é o ritmo que sinto com maior intensidade, até chegar a uma consciência de estar fazendo um bom trabalho, satisfeito comigo mesmo. Aí, acredito que poderei fazer outro tipo de música, vamos dizer assim, fazer uma música universal, mas sempre tentando chegar a alguma coisa realmente nova, e não apenas copiando. Para mim, se o compositor não se fixa a um determinado tipo de composição, e deixa seu espírito à vontade, há campo enorme, interminável mesmo, para ele trabalhar.

quer nos fazer inimigos
é porque eu sinto o perigo
de você ser traído
maldita mulher
use a sinceridade
nunca invente inverdades
entre dois amigos

(refrão da música do primeiro disco de Ecurinho)



fotos Folha da Manhã.

Do lado esquerdo do peito
O tic-tac vai morrendo
Sinto esvair
meu corpo escravo
dos meus pensamentos



DINHEIRO E UM BOM CAVALO PARA SER SÓCIO DA HÍPICA



O cavalo e o cavaleiro são iguais em importância. O animal sente e reage às emoções do homem que o comanda, num entendimento perfeito.

Elisabeth Belmonte Jaquet, bicampeã gaúcha de hipismo (268 prêmios), tem a melhor receita para conquistar vitórias: "gostar de esporte, possuir um bom cavalo, munir-se de uma grande dose de paciência, boa vontade e persistência, procurar um ótimo instrutor, levar os treinamentos realmente a sério e, por fim, ter dinheiro, pois, apesar de lindo, este esporte é bastante caro".

Existem três categorias de cavaleiros no Hipismo distribuídas de acordo com a idade e a altura máxima dos obstáculos das provas. A categoria de Infante-juvenis tem seus cavaleiros entre oito e 12 anos de idade, saltando obstáculos com a altura máxima de um metro: os Juniors estão entre 12 e 18 anos, e saltam até um metro e 30 centímetros, e os Seniors, com um mínimo de 18 anos (sem limite máximo de idade), saltam até um metro e 80 centímetros de altura.

Tanto o cavalo como o cavaleiro são iguais em importância. Na prática deste esporte, o conjunto é essencial, porque os dois devem estar bem preparados e bem treinados. Deve haver, também, um perfeito entendimento entre eles para que um saiba como comandar e o outro possa responder prontamente à ordem dada. Deste entendimento depende quase que metade do sucesso de uma prova. A outra metade deve-se a um bom treinamento e bastante confiança entre ambos.

O treinamento do cavaleiro requer muita paciência e boa vontade. A primeira coisa a fazer é ginástica. O cavaleiro deve fazer muita ginástica montado, saltando em cima do cavalo, fazendo uma série de piruetas e outros exercícios que lhe darão flexibilidade, firmeza e confiança. Junto à ginástica, exercícios de respiração. Postura,

apoio, posicionamento correto de pernas e mãos são muito importantes para que o cavaleiro possa comandar corretamente e auxiliar seu cavalo durante as provas. Adestramento, controle da montaria em pista sinuosa, comando de trote e galope com paradas repentinas, são muito bons para que o cavalo e o cavaleiro se conheçam e se entrem. Por fim, início de saltos de várias alturas, com um ou mais obstáculos.

Faz parte do treinamento, uma dieta alimentar: o cavaleiro deve ter um bom peso e uma vida bastante regrada. Em dias anteriores à prova, é aconselhável que não vá a festas, alimente-se bem, mas não em excesso, e tenha, pelo menos, um mínimo de oito horas de sono tranquilo. O exame médico periódico é recomendável. Deve, também procurar controlar-se emocionalmente ao máximo, pois qualquer indecisão ou medo que tiver, serão imediatamente sentidos pelo cavalo, que terá a mesma reação.

Um bom instrutor é uma peça importante neste esporte. Ele deve ser calmo, para ensinar ao cavaleiro tudo o que for necessário, desde montar até saltar os mais altos obstáculos com firmeza e precisão. Deve corrigir os erros do cavaleiro, incutir-lhe calma e confiança em si mesmo e em seu trabalho.

AS CURIOSIDADES

Antes de cada prova, o cavaleiro estuda com cuidado o crequis da pista, para saber as alturas mínimas e máximas dos obstáculos, a distância entre ele e o caminho a ser seguido. A contagem de pontos varia para cada tipo de prova. Assim, se a prova for de cronometragem, o tempo conta mais que os obstáculos. Se for de potência, os obstáculos contarão mais do que o

tempo. Neste tipo de prova, o cavaleiro deve fazer a pista com relativa calma para não perder pontos.

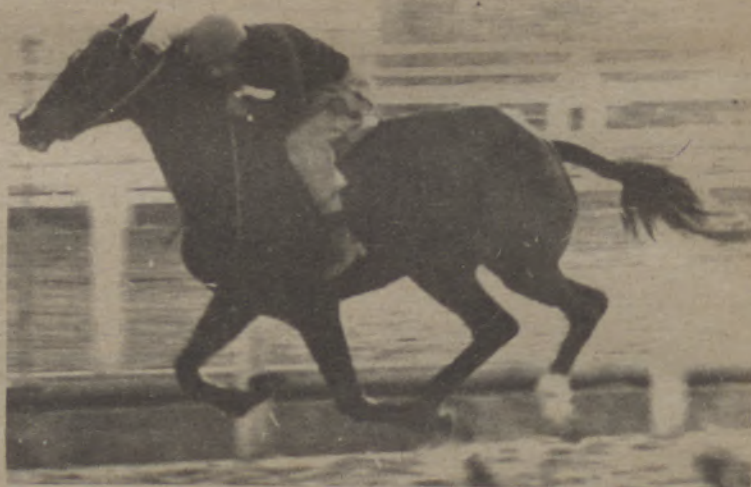
Os pontos são contados de forma negativa: se o cavaleiro fizer pista limpa, terá zero pontos, mas se fizer uma derrubada (derrubar uma vara de obstáculos), perderá quatro pontos; se o cavalo refugar ou desviar diante do obstáculo, perderá oito pontos; uma queda significa a perda de oito pontos, e assim sucessivamente.

A ordem de entrada é sorteada no dia anterior ao da prova e levada ao conhecimento dos participantes somente na hora da apresentação, assim como o percurso a seguir.

A roupa usada pelos cavaleiros chama-se traje de Windser. É tradicional e tem suas origens na Inglaterra. Consta de botas de cano longo, com uma terminal em marron; o culote e a camisa devem ser brancos, assim como a gravata (cavaleiros) ou o plastron (amazonas). A jaqueta ou casa deve ser preta, com gola e punhos de veludo da mesma cor. Para as amazonas há a opção de jaquetas vermelhas. O uso do quepe é obrigatório, feito de veludo preto que encobre uma armação de ferro, para melhor proteção.

A premiação das provas fica a critério de quem as patrocina. Podem variar desde taças e troféus até aparelhos de uso doméstico ou passagens de turismo. Existem provas onde a premiação é em dinheiro, o que não acontece com muita frequência no Brasil.

Na Europa, o Hipismo é adotado, nas grandes escolas, como matéria obrigatória, assim como nos grandes colégios dos Estados Unidos. Nestes países, os cavaleiros não são considerados simples esportistas, mas profissionais, uma vez que recebem salário e vivem deste esporte.



Um profissional mal recompensado, o jóquei

No Rio Grande do Sul, a prática profissional do esporte hípico, apesar da satisfação emocional que dá, não supre as necessidades de salário, permitindo boas condições de vida. Carlos Albernaz, jóquei que disputou o "Prêmio Protetora do Turfe", no Hipódromo do Cristal, diz que "a fama não corresponde ao trabalho, ao risco de vida". A maioria dos profissionais do turfe são semi-analfabetos, procurando um melhor padrão de vida. A profissão é instável, embora existam a Associação dos Profissionais do Turfe e a Caixa Beneficente dos Profissionais do Turfe, que é uma extensão do sistema usado no Rio de Janeiro e São Paulo".

Enquanto o amador procura um alívio à sua tensão, o profissional está constantemente envolvido numa carga emotiva sem limites. Albernaz lembra que "os jóqueis gaúchos, em sua totalidade, são autônomos, e a preocupação principal é de um engolir o outro". As consequências são funestas: 19 entre 20 jóqueis sofrem dos nervos, vivem tensos.

O campo de trabalho é grande, mas, na realidade, todo profissional que deseja um lugar ao sol deve estar sempre alerta: tudo depende da amizade com o proprietário do cavalo e o treinador.

Ao longo dos anos, o Hipismo vem se apresentando nas formas mais diversificadas, como turfe, pólo ou adestramento e saltos. Xenofontes já fazia referências sobre como montar a cavalo e viver ao ar livre. No século XVII, início da Renascença Italiana, foram instituídas as normas universais pelas quais, ainda hoje, se regem as competições hípicas em todo o mundo. Isto desde que se adotou como montadura o selim inglês.

Muitas vezes o hipismo tem tomado características violentas: Na Espanha, o espírito feroz do cavaleiro pode ser uma das causas primordiais do desenvolvimento do esporte hípico de uma forma natural e agreste: as caçadas européias à raposa, que hoje tomam formas mais de diversão, porque a raposa foi substituída por um indivíduo qualquer, e também, as touradas,

que como espetáculo não podem faltar ao elemento de informação.

Hoje, em todo mundo, realizam-se torneios de saltos ornamentais, corridas, jogos e as mais diversas modalidades neste esporte. Os torneios medievais e as aventuras quixotescas fazem parte do passado. O que se deseja, agora, é uma maneira de comunicação saudável, uma busca de vida ao ar livre.

As condições para práticas individuais e amadorísticas são mínimas, para um público aberto, além dos estudantes de Educação Física, e iniciados, com maiores condições econômicas. O governo não divulga o esporte hípico como forma de participação pública embora em muitos países existam incentivos à prática deste esporte.

O hipismo deveria ser mais difundido, junto às crianças, tanto pela sua função educacional, como pelo que oferece em ambiente de convivência. Desenvolve o amor e a vontade firme, tal como todo esporte bem dirigido, organizado, e planejado.



O mundo está com uma fome doida.

O mundo está apertando o cinto.
A população está aumentando e as
plantações não estão acompanhando o
ritmo.

Aqui no Brasil, em boa hora,
o Governo tem adotado medidas
providenciais, estimulando a agricultura.

São 8,5 milhões de quilômetros
quadrados que podem acabar com a
fome do mundo.

Isso pode transformar o Brasil no
maior exportador de alimentos, do
planeta.

Isso pode enriquecer muitas pessoas,
muitos grupos, muitas cidades, muitos
Estados.

O Grupo Olvebra prova isso, com os
resultados que todo mundo está vendo.

Em menos de 20 anos, transformou-se
na maior organização gaúcha e maior
exportador brasileiro, de produtos de soja.

Tudo começou com alguns grãosinhos
de soja.

Hoje são 5 prósperas e ativas
empresas, produzindo o Óleo Violeta,
o mais vendido no país, embalagens de
lata, de plástico, fios têxteis, operando
nos setores de agro-pecuária,
reflorestamento e turismo.

Imagine quanta gente tem encontrado
trabalho, condições satisfatórias de vida,
educação, assistência médica, hospitalar
e social.

É simples.

O mundo não vai aguentar muito
tempo de boca aberta.

E o Brasil está precisando faturar
mais divisas.

Portanto, almejamos que este anúncio,
que você acaba de ler, seja mais uma
semente.

Tomara que dê frutos.

Grupo Olvebra

Olvebra S.A.
Embrasa
Fitesa
Terramar
Grancosul S.A.



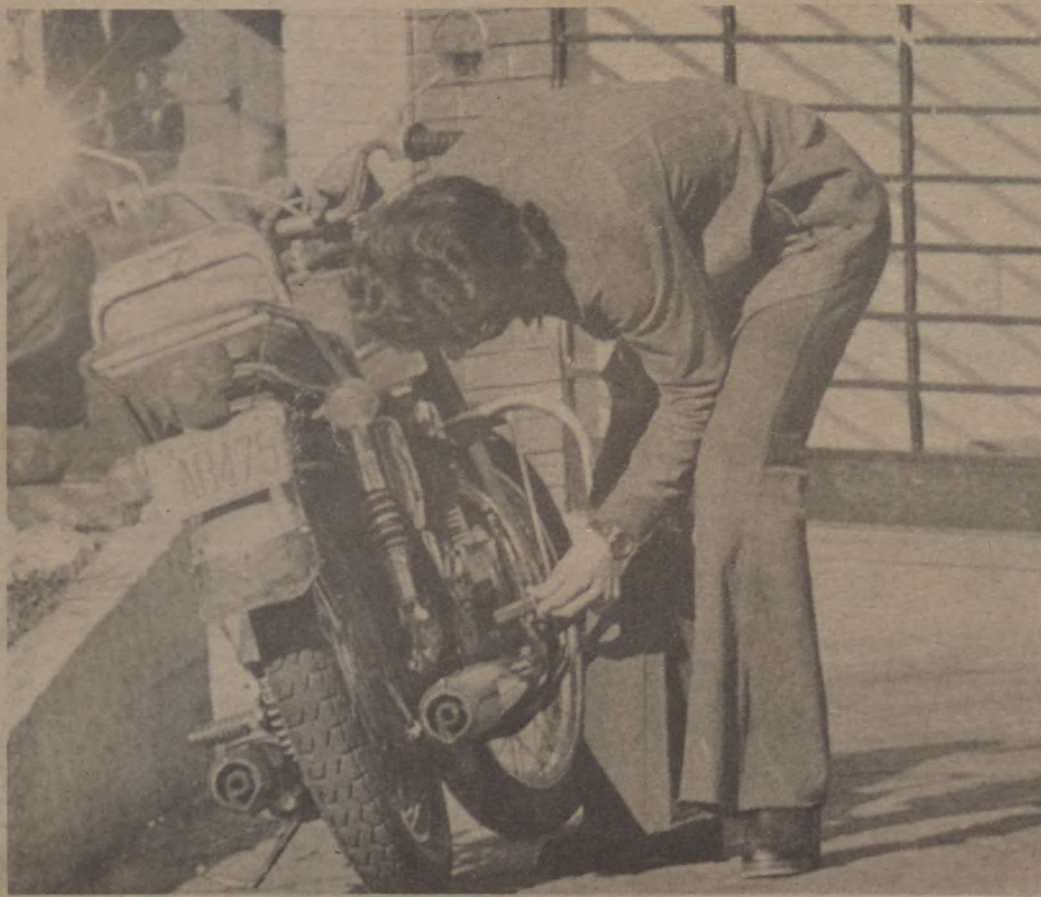
contouré

o banho demorado



uma criação

Niasi



As emoções, os perigos e as vantagens de andar numa moto

Levantando a bainha das calça para mostrar uma pequena mancha escura na perna, pouco acima do tornozelo, o repórter Marcos Estivalet explica: "A moto caiu por cima de mim e o cano de descarga, muito quente, me queimou". Mostra depois uma cicatriz no braço e acha:

- Eu até que tenho muita sorte. Em dois anos já sofri seis acidentes, mas nenhum grave. Tem cara que morreu com muito menos.

Ele lembra que quando os motoqueiros se encontram, se não começam, terminam mostrando as esfoladas, as fraturas, as cicatrizes, ou mesmo as roupas rasgadas por causa dos acidentes.

Como não tem muito tempo livre, Marcos usa a moto mais para ir ao serviço e para a faculdade. Não se considera um motoqueiro, mas acha que "moto ainda é sinônimo de curtidão". E para andar, "a gente tem de gostar muito, estar vidrado mesmo, pois as desvantagens superam as vantagens. A chuva, o frio e o pó são os maiores inimigos. No asfalto molhado, qualquer freada brusca é derrapagem na certa. E também tem os motoristas de táxi e de ônibus".

Eles estão habituados a ficar de 10 a 15 horas na rua e pensam que a rua é deles. Eles vêm no motoqueiro o filho de pai rico, que está se divertindo. E quando podem complicar, complicam.

Ao desconforto e à falta de segurança, junta-se também o alto preço da motoca, equivalente ao de um carro. Os que procuram maior conforto e segurança, decidem-se por um carro. Mas a decisão, já não é tão fácil assim. Com o aumento

progressivo dos preços da gasolina e o trânsito cada vez mais conturbado nos grandes centros, a moto se destaca pela economia de combustível e facilidade de deslocamento.

Esses fatores, conforme a opinião de muitos, vão determinar o abandono dos veículos tradicionais e a procura cada vez maior das motos. Até agora, porém, esses argumentos não são os determinantes. Pois, "afinal, moto não é uma questão de economia, mas sim de aventura e de curtidão".

É justamente por este aspecto que ela desperta a curiosidade. Onde tudo é proposto em termos de segurança, do certo e do adequado, a aventura de voar sobre duas rodas, sem dar bola aos perigos que possam surgir, torna-se mais fascinante. As emoções do perigo falam mais que a certeza da chegada.

Com a proximidade do verão, aumenta a procura. "Nos primeiros quinze dias de setembro, a loja onde eu mando consertar a minha moto, já vendeu mais que em todo o mês de agosto", diz Marcos e para explicar isso ele fala: "Andar de moto no verão não tem explicação".

Com uma Suzuki de 350 cilindradas, que pode atingir a velocidade de 180 quilômetros horários, Marcos chegou aos 140, andando na free-way. "Mas é muita coisa. Qualquer distração é perigo certo".

E depois dos acidentes que sofreu, e dos que ouviu contar ("tenho um amigo que já sofreu 15") ele diz:

- Agora que eu tenho maior consciência do perigo, estou diminuindo a velocidade e aumentando a atenção. Conheço o perigo de perto: quem for esperto, não deve andar de moto.

Para você escolher a sua

A motocicleta — fenômeno esportivo e social — já participa da vida de Porto Alegre, da intriga e do fato diário, da notícia da TV, do rádio e da imprensa, levando uma vida de artista, dissoluta, esportiva, responsável e irresponsável. Na companhia de uma Yamaha, Honda ou Suzuki, de outra estrangeira ou nacional, o porto-alegrense, está se ligando a um mundo mágico, fugindo da banalidade do dia-a-dia.

Uma 350cc arranca na frente de qualquer automóvel, mas esse é um valor que só interessa aos "meninos que a tenham descoberto ontem". O importante não é a lenda do perigo. O que conta mesmo é ter na motocicleta uma amiga, neste mundo onde o relacionamento homem-máquina permita o ato de viver fora da mesquinhez, do absurdo, da neurose coletiva, da vulgaridade.

Existem diversas casas especializadas em Porto Alegre. Que além de vender as motocicletas, dão também a assistência técnica, mantendo uma linha completa de moto-peças. É o caso da Torpedo (casa já tradicional), na Cristovão Colombo número 1663 revendedora da Yamaha; da Moto Peças Firenzi Ltda, na Farrapos número 757 — revendedora da Xispa, Zanella, Boxer, Puch Motovi, Velosolex, Vespa e Lambreta. A Imcosul é revendedora da Suzuki, funcionando no seu Standard da Benjamin Constat (onde os interessados podem escolher ao ar livre modelo do seu agrado), e também oferece assistência técnica e reposição de peças.

A Motonda Moto Mecânica Ltda, na Cristovão Colombo n.º 1240 é a boutique da motocicleta. Nessa loja, de decora-

ção moderna e ambiente descontraído, o motoqueiro se decide por um modelo de Honda e pela forma de pagamento.

Pode também escolher objetos pessoais — capacete de proteção, luvas, blusão, etc. A Motonda, além de dar assistência técnica dispõe de acessórios e linha completa de moto-peças, preocupa-se também com a elegância do motoqueiro.

As modalidades de vendas são as mesmas, nas diversas casas especializadas: à vista ou a prazo, com financiamento até 24 vezes, e uma entrada de 20 por cento. Os modelos mais vendidos são a RD 250A (Yamaha), CB 125S (Honda), a TS 125 e GT 250 (Suzuki) e a nacional Xispa no seu modelo Standard. Os preços variam de acordo com a cilindrada, motor, marchas, velocidade — custando em média Cr\$ 7.700,00 (uma simples de 50 cc) e Cr\$ 42.000,00 (uma de 750 cc).

A média de idade dos compradores é na faixa dos 20 a 26 anos. Os modelos Vespa e Lambreta estão na preferência dos que têm de 30 a 40 anos de idade.

Quando perguntados sobre os índices de vendas atingidos, os vendedores ou gerentes limitam-se a sorrir e dizem: "agora com a chegada da primavera/verão as perspectivas são das melhores".

Para aqueles que não podem comprar já existe em Porto Alegre um serviço de locação de motos. Na Auto Castellacar (José do Patrocínio, 821), qualquer um pode alugar uma Yamaha RD 250A/cc por Cr\$ 100,00 a diária, ou uma Suzuki GT 380/cc por Cr\$ 130,00, com franquia de 100 quilômetros. Depois, o quilômetro rodado é na base de Cr\$ 0.50.

MARCA: YAMAHA (japonesa)

MODELO	PREÇO MÉDIO (Cr\$)	VELOCIDADE MÁXIMA (km/h)	TANQUE (L)	CONSUMO (km/l)	CILINDRAGEM (cc)	PESO (Kg)	MOTOR (HP)	MAR-CHAS
IB 50	7.700,00	80 km/h	7,5 l	55 km/l	50 cc	71 Kg	4,8 HP	5
FS 1	7.900,00	95 km/h	6,1	50 km/l	50 cc	70 Kg	6 HP	5
GT 50 A	7.700,00	70 km/h	4,8 l	55 km/l	50 cc	62 Kg	4,8 HP	4
LS 3	11.100,00	115 km/h	7,5 l	45 km/l	100 cc	85 Kg	11,5 HP	4
AG 100	12.500,00	85 km/h	6,1	45 km/l	100 cc	95 Kg	8,5 HP	5
RD 125 A	15.000,00	130 km/h	11,5 l	40 km/l	125 cc	103,50 Kg	16 HP	5
DT 125 FA	14.800,00	110 km/h	7,1	40 km/l	125 cc	96 Kg	13 HP	5
DT 125 EA	15.400,00	105 km/h	7,1	40 km/l	125 cc	103 Kg	13 HP	5
MX 125 A	13.800,00	90 km/h	6,1	35 km/l	125 cc	84 Kg	20 HP	5
RD 200 A	17.200,00	140 km/h	11,5 l	30 km/l	200 cc	116 Kg	22 HP	5
RD 250 A	19.800,00	150 km/h	16,1	25 km/l	250 cc	140 Kg	30 HP	6
RD 350 A	21.800,00	160 km/h	16,1	25 km/l	350 cc	143 Kg	39 HP	6
TX 500 A	32.200,00	180 km/h	16,1	20 km/l	500 cc	183 Kg	48 HP	5
TX 650	34.600,00	185 km/h	15,1	18 km/l	650 cc	212 Kg	53 HP	5
TX 750	37.700,00	195 km/h	19,1	15 km/l	750 cc	210 Kg	63 HP	5

MARCA: SUZUKI (japonesa)

MODELO	PREÇO MÉDIO (Cr\$)	VELOCIDADE MÁXIMA (km/h)	TANQUE (L)	CONSUMO (km/l)	CILINDRAGEM (cc)	PESO (Kg)	MOTOR (HP)	MAR-CHAS
A 50	7.800,00	100 km/h	7 L	60 km/l	50 cc	73 Kg	4,9 HP	5
RV 90	12.300,00	80 km/h	4,4 L	55 km/l	90 cc	84 Kg	7,8 HP	4
A 100	10.600,00	110 km/h	7 L	50 km/l	100cc	83 Kg	9,5 HP	4
TS 125	14.000,00	112 km/h	7 L	45 km/l	125 cc	90 Kg	13 HP	5
GT 185	18.000,00	136 km/h	10 L	40 km/l	185 cc	115 Kg	20 HP	5
TS 185	17.000,00	120 km/h	7 L	35 km/l	185 cc	99 Kg	17,5 HP	5
GT 250	20.000,00	152 km/h	15 L	30 km/l	250 cc	146 Kg	31 HP	6
GT 380	24.500,00	176 km/h	15 L	25 km/l	380 cc	171 Kg	38 HP	6
GT 550	32.900,00	184 km/h	15 L	20 km/l	550 cc	200 Kg	50 HP	5
GT 750	42.000,00	192 km/h	17 L	15 km/l	750 cc	230 Kg	67 HP	5

MARCA: HONDA (japonesa)

MODELO	PREÇO MÉDIO (Cr\$)	VELOCIDADE MÁXIMA (km/h)	TANQUE (L)	CONSUMO (km/l)	CILINDRAGEM (cc)	MAR-CHAS	MOTOR (HP)	PESO (kg)
CB 50	8.200,00	90 Km/h	5 L	90 Km/l	49 cc	5	6 HP	50 Kg
S 90	9.100,00	100 Km/h	5 L	70 Km/l	89 cc	5	9 HP	70 Kg
CB 125 S	12.700,00	120 Km/h	6 L	50 Km/l	122 cc	5	12 HP	90 Kg
CB 125 K5	16.500,00	120 Km/h	6 L	50 Km/l	124 cc	5	14 HP	95 Kg
XL 250	20.300,00	140 Km/h	6 L	30 Km/l	246 cc	5	20 HP	100 Kg
CB 360 G	23.800,00	168 Km/h	12 L	30 Km/l	356 cc	6	30 HP	130 Kg
CB 500	34.000,00	180 Km/h	14 L	27 Km/l	499 cc	5	50 HP	180 Kg
CB 750	41.000,00	200 Km/h	16 L	22 Km/l	749 cc	5	67 HP	230 Kg

MARCA	PREÇO MÉDIO (Cr\$)	VELOCIDADE MÁXIMA (Km/h)	TANQUE (L)	CONSUMO (Km/l)	CILINDRAGEM (cc)	MARCHAS	MOTOR (HP)	PESO (Kg)
XISPA — STANDARD —	6.700,00	120 Km/h	8 L	35 Km/l	150 cc	4	6,5 HP	95 Kg
XISPA — LUXO — (brasileira)	7.500,00	120 Km/h	8 L	30 Km/l	175 cc	4	9,5 HP	95 Kg
ZANELLA (argentina)	9.500,00	140 Km/h	10 L	30 Km/l	175 cc	4	10 HP	93 Kg
BOXER (italiano)	4.700,00	60 Km/h	2,5 L	60 Km/l	49,77 cc	5/	2 HP	52 Kg
PUCH MOTIVI (austriaca)	4.200,00	60 Km/h	2,5 L	60 Km/l	49 cc	5/	2 HP	49 Kg
VELOSOLEX (francesa)	2.480,00	50 Km/h	1,3/4 L	40 Km/l	49 cc	5/	0,8 HP	38 Kg
VESPA (italiano)	12.700,00	120 Km/h	10 L	30 Km/l	200 cc	4	12,6 HP	110 Kg
LAMBRETTA (brasileira)	6.700,00	125 Km/h	5,50 L	35 Km/l	150 cc	4	6,5 HP	95 Kg

Que fazer das horas de lazer?



Apesar da humanidade ainda não ter atingido a era tecnológica, quando, segundo os mais respeitados "futurólogos", a maior parte das horas do dia-a-dia do homem serão de lazer, o que fazer nessas horas já se tornou uma pergunta importante na atualidade.

Em Porto Alegre, centenas de pessoas lotaram o auditório da FAMECOS, pagando Cr\$ 50,00 para ouvir duas palestras (14/9 e 16/9), de Pierre Furter, professor da Universidade de Genebra.

Para o professor Furter, as pessoas só entendem lazer como uma ausência de trabalho ou intervalo do mesmo. Isto é usado pelo sistema como uma forma de catarse, pois a forma de produção e de educação não permite que as pessoas expressem a sua criatividade, o que gera a agressividade: as horas de lazer são utilizadas para liberar esta agressividade.

— As horas de lazer deveriam ser empregadas em atividades criativas que ativem a sensibilidade embotada por 6, 7, 8 e mais horas de trabalho.

Para ele, o Lazer poderia ser uma maneira de introduzir um elemento crítico à forma de produção e ao ensino, na medida em que favorece a manifestação da criatividade individual e coletiva. Este seria o seu caráter estratégico.

— O lazer se tornou um grande dilema para os indivíduos e um mercado para a indústria de consumo. As pessoas estão dobrando suas horas de trabalho para poder gastar mais em benefício do sistema. Em outras palavras, na sociedade atual, lazer está cada vez mais confundido com consumo.

TRABALHO — OBJETIVO SUPREMO DA EXISTÊNCIA

Desde algumas décadas vivemos com o mito que se torna cada vez mais monstruoso e, desadaptado à civilização do amanhã: o mito do trabalho.

Para Patrick Ravignat, retomando a idéia do pecado original que condena o homem a

trabalhar com o suor do seu rosto, a sociedade industrial erigiu, ou tenta erigir, o trabalho como objetivo supremo da existência, e lança contra a ociosidade a pior das condenações.

— A maior parte das pessoas considera hoje que o trabalho é o destino natural do homem, e esse trabalho deve ser duro, cansativo e penoso.

Mas não. Entramos numa era em que as tarefas consideradas antigamente inevitáveis são cada vez mais executadas por máquinas. O homem terá maiores momentos de folga, o que o recompensará pelo aspecto monótono do trabalho que gasta e consome o indivíduo.

O trabalho é destruidor no plano psicológico quando utiliza uma pequeníssima parte das faculdades humanas, isto é, quando o indivíduo, incapaz de explorar o conjunto de suas aptidões, termina por atrofiá-las e destruí-las.

O operário industrial que durante horas aplica somente um reflexo, termina por se embrutecer e esgotar. Charles Chaplin, já em 1930, com o filme "Tempos Modernos", mostrou este fato com muita genialidade. De fato, sempre o homem procura uma atividade que lhe permita desenvolver o conjunto de suas funções psicofisiológicas. Se essa atividade coincidir com o meio de subsistência, tanto melhor. O essencial porém, não é a subsistência mas a realização do indivíduo. Essa realização deveria ser acessível a um número muito maior de indivíduos numa civilização do lazer.

Em toda cultura que não está a ponto de colapso ou de romper-se completamente e que está funcionando de forma normal, verificamos que a necessidade e a resposta estão diretamente relacionadas e afinadas uma com a outra. Os seres humanos, sob suas condições de cultura, despertam com um apetite matinal e também com o desjejum esperando por eles ou prestes a ser preparado. Tanto o apetite como sua satisfação ocorrem simultaneamente, como questão de rotina.

Na cultura judaico-cristão-ocidental, não existe uma satisfação organizada de rotina para necessidade de lazer criativo do homem, tanto quanto para outras necessidades básicas (alimentação, saúde, educação, etc) em parcelas consideráveis da população.

O PRESENTE E A SAÚDE DA NOSSA CULTURA

As afirmações do professor Furter como as de Ravignat, aqui abordadas, são, quando muito utópicas frente às condições de subdesenvolvimento. Em nosso país apenas uma pequena parcela da população — a classe média abastada — está nessa de transformar lazer em consumo, trabalhando mais para comprar mais carros e TV a cores. A massa trabalhadora está trabalhando cada vez mais apenas para manter seus padrões de sobrevivência. Não há "sobras" do orçamento dos operários que lhe permitam comprar lazer ou o que quer que seja. Por isto a televisão — à mão, barata e cômoda — é sua única saída. Mesmo o futebol só é permitido às custas do leite da 2ª feira.

Esta pode ser uma satisfação organizada de rotina para o lazer criativo de seres humanos do século 20? Ou serão outras as bases de nossa cultura?

"... a fruição do prazer está sempre recompensa. Eternamente acotado, o homem configura-se e apenas o monótono rodopi a harmonia do seu próprio existe em sua natureza, co de s



A televisão surge como o divertimento mais barato e cômodo para a massa trabalhadora. É a única saída.



As experiências pela fantasia indefesas



três por quatro



Comunicação.

**Depois da desintegração atômica
todo o esforço do homem em se tornar
humano. Simplesmente humano.**



Fraga: puro, idealista. E já pode viver de humor.

Assim é o Fraga. Sempre cético e mordaz - mas também aberto à crítica. "Já posso viver de humor", garante orgulhoso o autor de **Bugigangas**. E faz apenas dez meses que nasceu o colunista diário da Folha da Manhã. Todos seus planos estão carregados de humor. Quando entra na redação, o Fraguinha é sempre o mesmo barbudo alegre, que fala com todo mundo e não resiste a uma piada. No topo dos seus 28 anos, curtidos numa vida difícil, ele se conserva incriavelmente puro, sadio e idealista.

EU SÓ VOU ACREDITAR NO DIA DO JUIZO FINAL NA MANHÃ SEGUINTE.

Lá em casa, depois de comer e beber com prazer epicuriano, o Fraga desenrola sua estória. O mais velho de onze irmãos, teve uma infância com muito pátio, mas sem regalias. Os estudos foram interrompidos na segunda série do antigo ginásio, no Colégio Cruzeiro do Sul. Um exame de madureza deu o certificado, mas deixou o gostinho amargo de quem não provou um curso superior de sobremesa - e por isso mesmo não

sabe o nada que fica ao seu final. Casado, com dois filhos "que ainda não me tiraram o bom humor", Fraga trabalhava numa farmácia e colecionava suas primeiras criações.

UMA MÃO LAVA A OUTRA; A POLUIÇÃO SUJA AS DUAS.

Quando surgiu o Pato Macho e seu concurso de provérbios modificados, Fraga se esmerou e correu à redação. Mas o efêmero semanário gaúcho fechara no dia anterior. O teimoso barbudo não desanimou e logo veio a recompensa: uma primeira publicação no Pasquim, que estava no auge. Aí deslanchou: primeiro no extinto Exemplar (editado pelo Clube do Professor Gaúcho), depois no Carrinho (jornal dos supermercados Real) e finalmente na Folha da Manhã. Fraga usa sua bolação também em publicidade, como produtor da agência Exitus. Mas logo vai se dedicar somente ao humor, que é do melhor. Lembrem do nome: José Guaraci Fraga. Ele vai pelos caminhos do seu guru, que é o Millôr.

REGINA VASQUEZ

O que o Fraga Pensa:

Liberdade

A liberdade de ir e vir chegou ao ponto em que é preferível apenas a primeira parte.

Justiça

A Justiça diz que todos os homens devem pagar pelos seus crimes. Alguns fazem isto com cheque.

Democracia

A Democracia está ao alcance de qualquer um. Qualquer um que tenha dicionário.

Política

O voto é a arma do Povo. Falta só o porte.

Censura

Muita gente pergunta de onde os humoristas tiram tantas idéias. Mas o nosso problema não é esse, e sim onde pô-las.

Vida

a vida ainda tem valor, mas só no câmbio negro.

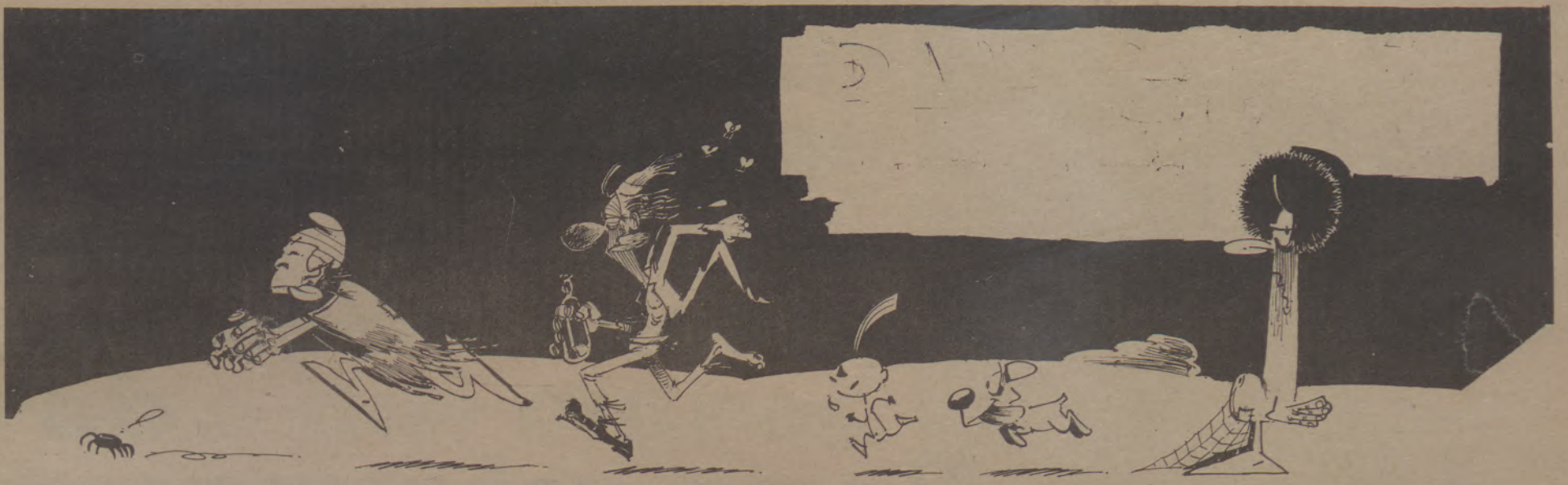
Profissão, humorista

Humorista é profissão? O Quadrão diz que sim. E a prova disso é o próprio suplemento de humor que aparece nas edições de sábado da Folha da Manhã. No primeiro mês o Quadrão ocupava uma página. No quinto número transbordou e tomou conta de duas páginas. Os editores, Guaraci Fraga (autor de **Bugigangas**) e Edgar Vasques (autor de **Rango**), dizem que "a idéia é fazer a Folha da Manhã encartada no Quadrão". E nada menos do que 31 humoristas novos já foram apresentados em seus três meses de existência.

O Quadrão teve parto natural, depois de uma longa gestação e várias tentativas frustradas de outros humoristas. O fato é que falta, tanto para os leitores sedentos como para os valores novos que às vezes nascem e morrem escondidos. Na seção intitulada Santos de Casa, é justamente isso que se busca: mostrar gente nova com bom texto ou desenho. A maioria se expressa pelo cartum. Quando o santo de casa fica bom, ganha espaço na qualificação de titular. Como os desenhos são muitos, o Quadrão está promovendo uma Mostra de Cartum - a primeira no gênero aqui. A cada cinco números sai uma retrospectiva e os santos de casa têm uma segunda chance de melhorar seu trabalho.

Uma função importante dos editores é criticar e avaliar os trabalhos que recebem. Os autores são estimulados com comentários objetivos: "Sua idéia é boa, mas precisa soltar o traço". Tudo é feito num mesmo sentido: construir. A criação de um mercado de trabalho é fundamental para os humoristas. Por isso, Fraga e Edgar têm como próxima meta conseguir dinheiro para pagar as colaborações. Nada mais justo, pois o profissional valoriza o jornal.

Mas o Quadrão não termina aí. Como jornal que é, sua função também é informativa. Os melhores humoristas internacionais são apresentados ao público - Do Bom e do Melhor. Até agora já foram publicados dois franceses, dois argentinos e um americano. Tudo o que acontece em humor, inclusive lançamentos em livro e revista, são comentados. E o sucesso já se faz sentir. Os editores recebem em média uma carta por dia dos leitores. E isso aí, gente, continuam que está muito bom.



O humor crítico de rango, anti-herói do consumo

Na Feira do Livro deste ano, uma tarde de autógrafos diferente. Edgar Vasques, criador do **Rango**, e de algumas das melhores ilustrações publicadas nos últimos tempos na imprensa gaúcha, lança um livro: 150 tiras do **Rango**, em preto e branco. Uma seleção das melhores já publicadas na Folha da Manhã.

Edgar entra no mercado livreiro junto com uma nova editora, a LPM (Lima-Pinheiro Machado) que já inicia com boas intenções: baratear o máximo possível o preço do livro do **Rango**, para atingir mais público (o preço é Cr\$ 10,00).

Embora não conheça a fundo o tipo de público que procura o **Rango** no jornal, Edgar explica por que o livro tem mercado garantido:

— Nossa sociedade é estruturada para beneficiar a quem tem dinheiro para consumir. Assim se incrementou a literatura, principalmente de quadrinhos, que exige pouco trabalho do leitor, bem menos do que um livro. Vai depender do autor fazer rir, ou pensar.

Ele acredita, também, que hoje o mercado do desenho, da ilustração e da caricatura é bom:

— Campo existe. Até na publicidade. Só que eu tenho minhas idéias a respeito da propaganda. Ela deve dizer o que há para vender, não criar o consumo do supérfluo. Esta é a própria filosofia do **Rango**:

atender as necessidades básicas do homem, vestir, comer e morar num lugar decente. O mal da classe média é que ela já nasce atendida. Os que sofrem é que têm menos acesso aos meios de comunicação.

Mesmo reconhecendo que há um bom mercado para absorver a produção do humor, de ilustração e do desenho bem feito, Edgar mostra que ainda há problemas para a classe. Ele precisa fazer cada dia, no mínimo três criações de tipos diferentes. Além da tira do **Rango**, uma ilustração de esporte e para outros setores do jornal.

— A minha história profissional se confunde com a do país onde moro. Preciso ser versátil, fazer todo o tipo de desenho, para ganhar mais. O ideal seria ter um estúdio onde pudesse criar cinco tiras do **Rango** por dia, sem me preocupar com outro tipo de ilustração. As tiras ganhariam em qualidade. Poderia, por exemplo, pintá-las num tamanho maior, com mais detalhes, e depois de reduzi-las. O próprio texto seria mais elaborado.

O PERSONAGEM

Mas o **Rango** personagem também tem uma história, que começa na Faculdade de Arquitetura, em

novembro de 1970, quando foi publicada a primeira tira na revista Grillus.

— Quando criei o personagem não me preocupei muito com o meu público. O **Rango** nasceu de um universitário e dirigia-se para os universitários. Tinha todas as características daquele ambiente: as preocupações sociais.

Em abril de 1973, Edgar foi convidado a substituir o espaço do colunista Luís Fernando Veríssimo, na Folha da Manhã, enquanto este estivesse em férias. Edgar achou que seria muito difícil substituir Veríssimo: "No começo me apavorei. Não queria. Mas quando cheguei em casa, naquele dia, me lembrei que tinha um trunfo, o **Rango**. E deu certo. Tanto que quando o Veríssimo voltou, em maio, a tira continuou saindo em outra página do jornal.

Hoje, a despreocupação do início não existe mais:

— Nunca mais fiz o **Rango** despreocupado. Recebo muitas manifestações de pessoas que não conheço. De intelectuais, de pessoas mais velhas. Não esqueço também daquela servente do escritório de um amigo: "O senhor é quem faz o **Rango**?". Ele passou a atingir também pessoas de nível mais baixo. Justamente aquelas que fazem parte do tema principal da tira: miséria, fome e privações".

MOVIMENTO, UMA EDITORA QUE CRESCE APESAR DE TUDO

Num país onde ler livros é hábito apenas de uma minoria reduzidíssima, fundar uma editora é uma empreitada muito arriscada. Mesmo assim, um grupo de pessoas ligadas à Literatura, Artes, Cinema e Música de Porto Alegre está conseguindo concretizar uma idéia surgida há muitos anos: uma editora destinada a publicar obras de autores gaúchos, conhecidos e desconhecidos.

O surgimento e crescimento da editora foi contado por Carlos Jorge Appel, um de seus diretores, em conversa informal com os alunos do quarto semestre do Curso de Jornalismo da UFRGS: "Ela surgiu da defasagem cultural existente depois de 64, da necessidade de uma editora dirigida à gente jovem, às pessoas desconhecidas no cenário nacional. Surgiu de um grupo, que depois das ilusões perdidas, conseguiu sobreviver somente como grupo sendo-lhes negado entrar no mercado".

Sem os mínimos recursos, eles fizeram publicidade nos jornais, rádios e televisões do País, criaram capas completamente diferentes desusadas na época, juntaram diversos autores num único livro, e, com capital investido pelos próprios autores

iniciantes, a Editora Movimento começou a existir.

Autores como Gladstone Mársico (Cogumelos de Outono), Moacir Seliar, Aureliano Figueiredo Pinto (Memórias do Coronel Falcão), Fernando Sampaio (A verdade sobre os Deuses Astronautas), Caio Fernando Abreu, Ieda Inda e diversos outros foram lançados no mercado livreiro.

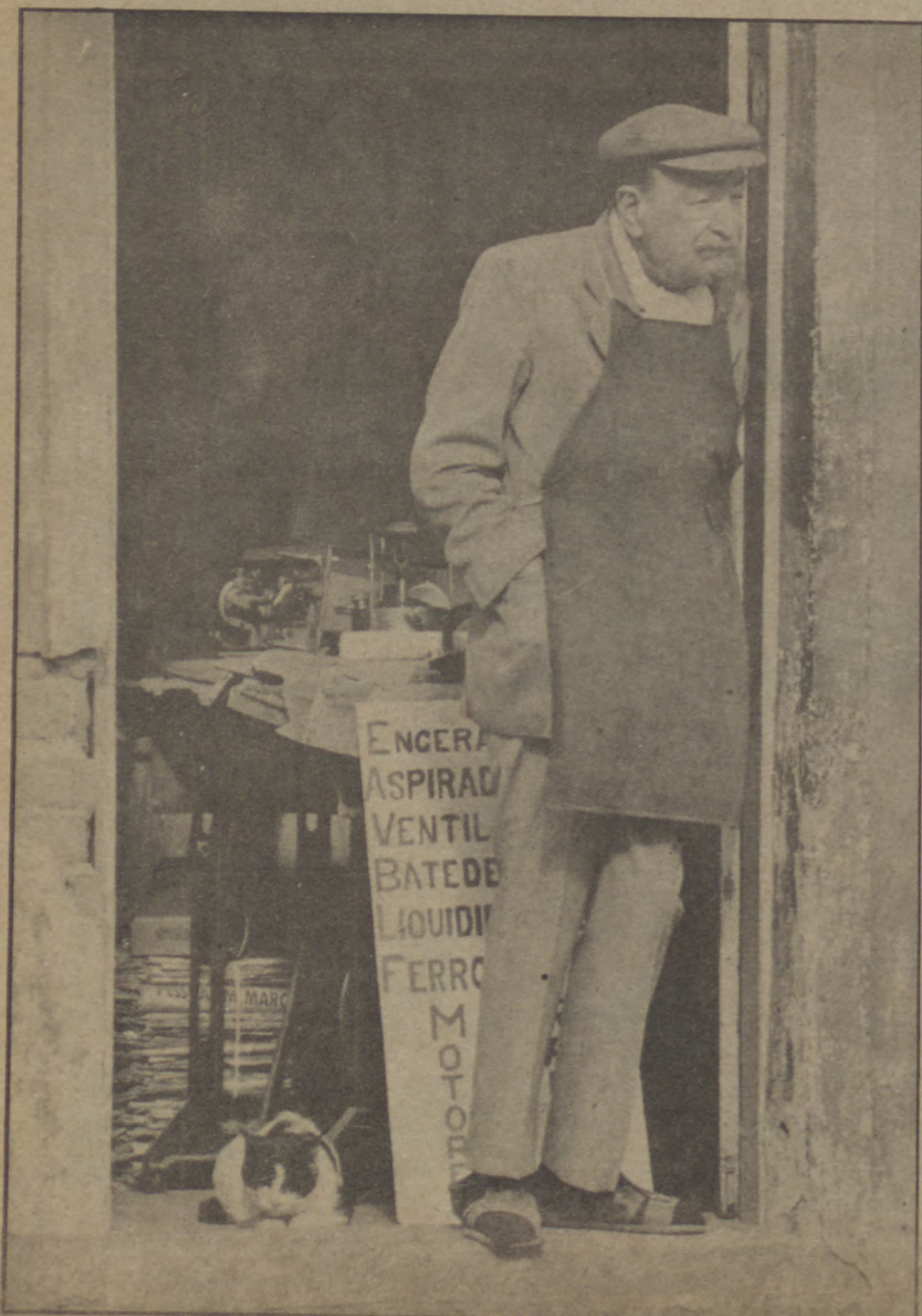
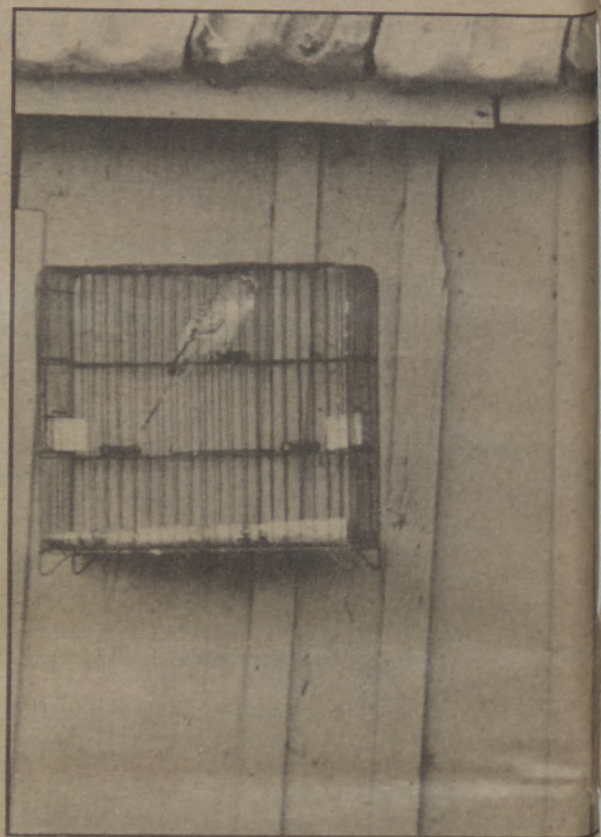
Atualmente a Editora já está estruturada comercialmente. Ainda continua usando o sistema antigo, mas já tem um certo capital, que lhe permite ajudar os autores que não possuem recursos financeiros. Por não querer uma sistemática esclerosada, eles atuam diretamente com os professores e com os jovens nas escolas. Seu desenvolvimento ainda não é satisfatório, mas muita coisa já foi conseguida. O principal foi criar um nome. Mesmo quando não há condições de editar um livro, a Movimento indica para outra editora do Rio ou São Paulo e por serem encaminhados por ela, os livros são aceitos. Os diretores da Movimento nada ou quase nada ganham, financeiramente falando. Como diz Carlos Appel, "este é um investimento a longo prazo. Por enquanto a satisfação pessoal nos basta".



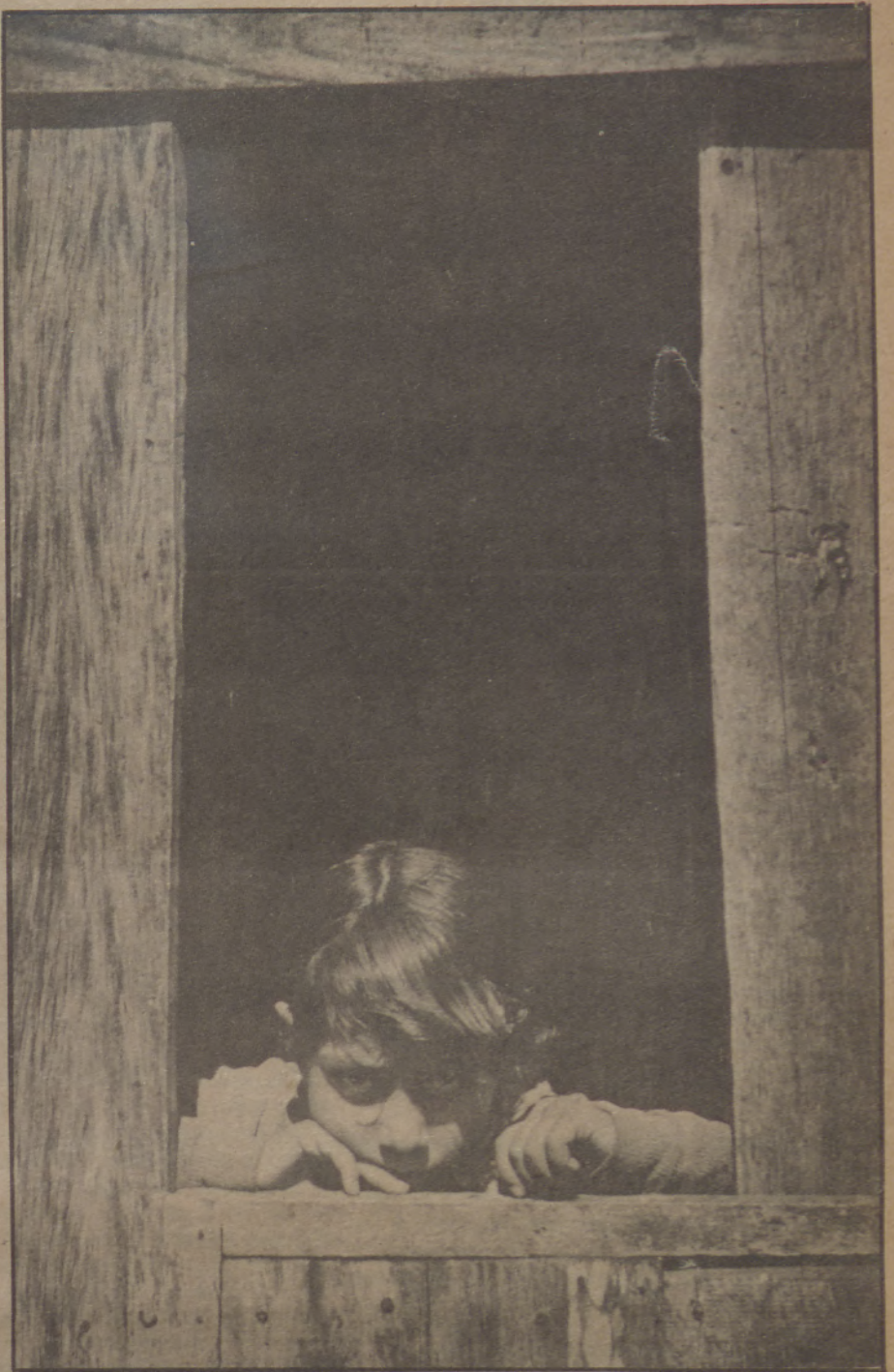
Essas pess
portas e nas ja
cham
São calm
da p

Eu passei
correndo e
foto-
gra-
fei
o
que
vi.

Eneida Serrano



essoas paradas nas
janelas sempre me
maram a atenção.
mos observadores
pressa dos outros.



Uma TV - com muitas falhas - para distrair os passageiros

A TV Rodoviária é um caso à parte dentro do contexto dos meios de comunicação de Porto Alegre. Funcionando em circuito fechado, restrito à área da rodoviária, ela atinge, diariamente, cerca de 60 mil pessoas, que usam o local em trânsito. Ela não satisfaz plenamente seu público, que apontam suas deficiências. E os próprios responsáveis afirmam que "a TV Rodoviária está consciente de suas limitações, o que, no entanto, não invalida o objetivo de suas pretensões, porque ela atinge um público que pode não ser um bom telespectador, mas que é um bom ouvinte".

As más condições técnicas da emissora são apontadas por Moacir Alves, dono de uma das bancas de revistas:

"A TV Rodoviária é uma porcaria. Não se entende nada do que estão falando, a voz do locutor é horrível e todos sabem disso. É só chegar na rodoviária e verificar. A voz que fala não é clara e não adianta nada mesmo, ninguém entende nada.

Outros acusam a emissora por desatualização e desinteresse. É o caso de Pedro Santos, funcionário de uma das empresas de ônibus que declarou: "já é hora de a TV mudar a sua programação, a gente já anda saturado desse tipo de música. Aqui se precisa de uma programação musical estilo da Pampa e da Continental, porque senão o sono bate. Eles estão desatualizados. É hora de alguém fazer alguma coisa".

O guarda Manoel também vê o baixo nível de programação oferecido ao público ao dizer que "é sempre a mesma coisa. A gente todos os dias, sabe até de cor as músicas que vai ouvir e os comerciais que eles vão dar. A única coisa que varia, de vez em quando, são os anúncios chamando alguém. O resto é tudo igual. Mas eu penso que eles poderiam mudar, porque senão vai enjoar muita gente aqui na rodoviária".

Para os operadores responsáveis pelo setor musical, a programação varia conforme o momento. "Pela manhã, afirma um deles, as pessoas estão iniciando o seu dia, o que determina necessariamente um estilo de música romântico e leve, meros gritado. É o que fa-

zemos. Pela manhã rodamos Roberto Carlos e Moacir Franco. E à noite invertemos o processo, a música é mais dinâmica e atual".

O público que é atingido pela programação da TV Rodoviária é muito heterogêneo. Passam pela frente dos 60 aparelhos pessoas das mais diversas condições culturais, sociais e econômicas. João Paulo Baltazar, funcionário da rodoviária, define assim a emissora: "o negócio é o seguinte, uma emissora como essa não pode funcionar bem, de maneira alguma. É só se olhar para os aparelhos que a gente sente que não é bem televisão, é difícil mudar a imagem que se tem de televisão. A TV Rodoviária é uma mistura de rádio e televisão. O pessoal fica olhando só os programas que interessam. Na hora do meio-dia, por exemplo, tem o Jornal do Almoço que é assistido por um bocadinho de gente".

Mas Hélio, gerente de uma empresa de ônibus, vê diferente a emissora, e declara que "a programação pode estar um pouco desatualizada, mas talvez ela tenha a sua razão de ser, em virtude do nível bastante heterogêneo de pessoas que freqüentam a rodoviária. Não se pode condenar simplesmente o tipo de programação que eles fazem, porque não nos agrada. A verdade é que o público é que é diversificado e seria bastante difícil achar uma solução adequada para o problema. Eles podem mudar a programação, atualizar os discos, mas jamais chegarão a contetar todo mundo. E assim mesmo, acho que a TV Rodoviária tem atualmente uma boa receptividade do público. Vejo seguidamente pessoas interessadas nos programas".

A TV Rodoviária inicia suas atividades em circuito interno às 4h30min, com programação musical, slides e filmetes. Mais tarde, entra em cadeia com a TV Gaúcha, apresentando a programação normal desta emissora até as 21 horas e depois, novamente, volta à programação musical. Os programas são cortados sempre que se for necessário: para a transmissão de chamadas e anúncios de partidas de ônibus. Quando em cadeia com o canal 12, o som é retirado do ar para os avisos e entrada dos comerciais da própria emissora.



Uma rádio a serviço de quem gosta de corrida de carros

No dia 25 de novembro de 1973, as pessoas que foram ao autódromo de Tarumã tiveram uma agradável surpresa. Uma hora antes de começar a primeira corrida, os alto-falantes do autódromo foram ligados com uma mensagem diferente:

locutor-volante, para trabalhar quase que exclusivamente nos boxes, entrevistando pilotos e os dirigentes das provas. Mas ele não se limita a isto. Procura também falar com o público para divulgar sua opinião sobre as corridas.

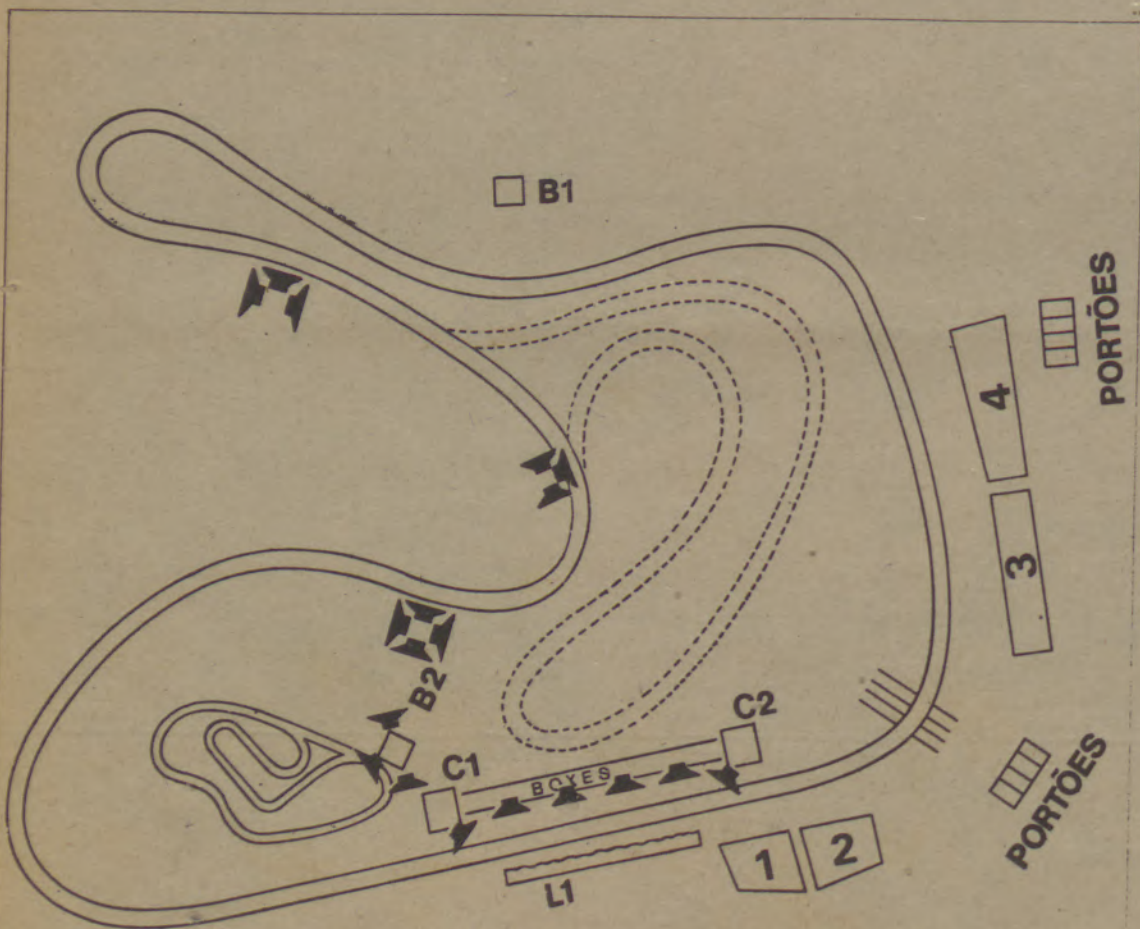
— Rádio Gran-Pix, o som de Tarumã, inicia neste momento suas atividades de hoje. Estarão nos acompanhando nesta jornada, os seguintes companheiros: locutores, Sérgio Braga e Clovis Falk; locutor volante, Ivanir Curi, engenheiro de som, Gilson Santos; assistência técnica da equipamentos acústicos COTEMPO; operador de som e coordenação geral de Marcos Wanderlei. Senhoras e senhores, boa tarde.

Para que tudo isto fosse possível, foi necessário que a rádio adotasse uma estrutura de funcionamento semelhante a de todas as outras. A diferença essencial é que a Rádio Gran-Pix funciona com um sistema de alto-falantes. O principal é um amplificador de 800 kw, instalado na Torre da Federação, ao lado do Posto de Cronometragem.

E anunciar na Rádio Gran-Pix não parece ser mau negócio. Afinal, a programação é interessante. Além de acompanhar a corrida com todas as informações, ela programa músicas, notas sobre loteria esportiva e dá flashes sobre curiosidades no mundo a tomobilístico.

Sérgio Braga, em companhia de Marcos Wanderlei do Nascimento e de Clovis Falk, tinha posto em prática uma idéia que há muito vinha alimentando. Queria dar ao público uma participação maior nas corridas, através de informações sobre os carros que participam das provas, seu desempenho e, é claro, sobre os pilotos. Para que a informação fosse mais completa, os donos da rádio resolveram contratar um

Também sua estrutura comercial é semelhante a das outras rádios. Com um máximo de 20 clientes por jornada e 15 propagandas por clientes, a resenha comercial é igual a qualquer outra, levada ao ar através de discos, fitas gravadas ou locução.



Mapa do Autódromo, com a distribuição do sistema de divulgação da Rádio Grand Prix.

Crianças não têm jornal

O jornalismo infantil no Brasil ainda é um vasto campo inexplorado ou, quando muito, mal aproveitado. A opinião é de duas pessoas muito ligadas ao assunto: a escritora Maria Dinorah Luz do Prado e a contista e cartunista Maria Angélica (O velho e o Gato) Carvalho.

Para elas, os suplementos infantis dos jornais pecam pela falta de imaginação, de criatividade e de informação. Ao mesmo tempo, falham pelo excesso de ilustrações que não dizem nada à criança e de estórias em quadrinho, com a simples finalidade de encher espaço. As preocupações pedagógicas, na maioria das vezes, acabam transformando as páginas infantis numa extensão da escola. Tudo é feito não para divertir a criança, mas para ensiná-la.

Maria Angélica Carvalho acha que no fundo a culpa é mesmo do subdesenvolvimento. A mentalidade empresarial dos jornais não consegue ver no suplemento infantil uma forma para conquistar futuros leitores. O que importa à empresa é a venda e o comércio. A faixa de leitores que vai dos cinco aos 12 anos fica esquecida.

Dinorah chega a dizer "que a página infantil teve uma decadência vertiginosa e lamentável" e justifica sua opinião afirmando que em todos os jornais os

suplementos "abusam das estórias em quadrinho, estúpidas e falsas criadoras de uma motivação pela literatura infantil". Ela defende a tese de que deveria existir uma maior vinculação entre o jornal e as escolas. Essa vinculação só seria estabelecida a partir de uma pesquisa, que permitiria ao jornalista saber os assuntos que mais interessam às crianças.

Atualmente não existe qualquer entrosamento e o suplemento infantil está tão separado da escola como da própria redação do jornal. Não existe apoio empresarial e a falta de sensibilidade acaba se refletindo na apresentação gráfica, que deveria acompanhar a do restante do jornal.

Trazer para as páginas infantis coisas novas, como noticiário variado, por exemplo, implicaria em estudos profundos. No fundo, diz Angélica, os pais ainda preferem seus filhos desatualizados. O ideal, afirma ela, é que existissem muitos "Monteiros Lobatos", capazes de tratar temas sensíveis sem ferir ou chocar a criança.

Apesar de todas as falhas, as páginas infantis têm seu público certo. A ZH—Infantil, por exemplo, recebia centenas de cartas. Durante um ano, Angélica foi

editora desse suplemento e não sabe o que motivou o seu desaparecimento. Na opinião dela, o melhor suplemento infantil que há no Brasil é o Suplemento Juvenil do Jornal do Brasil. Já Maria Dinorah dá preferência para a "Folhinha", da Folha de São Paulo. Angélica e Maria Dinorah querem um jornal infantil ideal: onde a criança possa sentir que faz parte daquilo que lê, que rabisca, que escreve em suas páginas. Onde encontre as notícias que vê, sem compreender, na televisão ou no rádio, numa linguagem adequada. Este é um trabalho difícil, exigindo muito não só do editor mas de toda uma equipe dedicada ao assunto.

O jornal infantil é sempre feito pelo "bloco do eu sozinho", como diz Angélica.

Maria Dinorah Luz do Prado já escreveu mais de 500 contos infantis, além de livros e coleções publicadas. Não está satisfeita com o que vem sendo feito. Maria Angélica Carvalho, além de escrever, desenha e vai publicar seu primeiro livro — uma coleção de contos que saíram na ZH Infantil — até o início do ano que vem. Maria Dinorah continua trabalhando para suplementos infantis da capital. Maria Angélica resolveu ir para Belém, buscar tranquilidade para escrever seu livro e agora vai se entregar pra literatura infantil escrevendo e desenhando, ou desenhando para seus escritos, num trabalho difícil de tentar preencher o vazio que atualmente enche o espaço desta faixa de leitores tão mal compreendidos e satisfeitos.

O que fazer para o público infantil?



É nos fins de semana que os jornais circulam acompanhados de um colorido suplemento infantil. Dedicado à criança, porém, ele pouco as atrai. É folheado com rapidez, rabiscado, e eventualmente suas histórias em quadrinhos são lidas, seus contos aceitos e seus quebra-cabeças executados.

Até que ponto eles são aceitáveis numa época em que a televisão suga as atenções durante largos períodos, eliminando até mesmo a capacidade de raciocínio? Até que ponto o que era feito a dez anos, para crianças de há dez anos, pode interessar as crianças da era tecnológica? Este suplemento deveria formar divertindo, ou simplesmente divertir, sem pretender a formação de futuros leitores. Além disso, é possível formar futuros leitores de jornais quando há adultos que não os compram, alegando parcialidade na maneira de se escrever as notícias (consequência de alguma repressão na liberdade de imprensa) ou simplesmente falta real de dinheiro?

Poucas pessoas conseguem pensar sobre o assunto, talvez também porque ele até agora nunca foi tão importante como fazer um jornal para adultos. O próprio ensino não se preocupa com ele. Nas facul-

dades de comunicação não se fala nele, não há cadeiras de pedagogia e didática. Ao mesmo tempo, tornar-

se difícil para os diretores de jornais, dispensarem seus funcionários dedicados a outros setores, para elaborar um suplemento infantil. Quem os faz, geralmente, são professores, totalmente desligados do mundo jornalístico.

Mas até que ponto fazer este suplemento é tarefa para jornalistas ou para professores? Se fossem os jornalistas, seria necessário saber o que realmente pensam as crianças e seus pais a respeito de um jornal infantil (sabe-se que as crianças lêem o suplemento porque seus pais compram o jornal e do modo geral não influenciam os adultos na compra desse jornal, com a preocupação de ler o suplemento) e conhecer as mais modernas técnicas de ensino.

Se for professor que ele curse Comunicação e demonstre ter um instinto jornalístico existente em todos os seus colegas de profissão.

Talvez a combinação das duas profissões iria transformar uma viagem do presidente dos Estados Unidos acompanhado de Kissinger num conto. A criança gostaria? Ou será que cada coisa tem seu tempo e o jornal infantil deve tratar de coisas infantis? mas o que deseja uma criança, até que ponto hoje, há uma separação distinta entre o mundo infantil e o adulto, quando os meios de comunicação agem sobre os dois, diariamente?

Ou não será verdade que as crianças gostam de história em quadrinhos, onde segundo a escritora infantil Maria Dinorah Luz do Prado, "as histórias mais inocentes trazem modelos de heróis estrangeiros, costumes e linguagem, que nada tem a ver com o meio e a vivência de nossas crianças, são artificiais e postiças".

Imara S. Britto

Bastidores de telejornal para comemorar um aniversário.

De repente, o que vai para o ar é o repórter, não a notícia. Cinegrafista, laboratorista, montador e editor de imagens se tornam mais importantes que o filme. O redator interessa mais que seu texto, e o desenhista é pego em flagrante durante o seu trabalho.

O público telespectador deve ter ficado surpreso. No entanto, mostrar no programa "A Grande Noite" os bastidores de um telejornal era apenas uma forma original de comemorar o 5º aniversário do "Câmera Dez", e principal noticioso da TV Difusora.

A idéia surgiu depois de um dia de trabalho normal, durante uma reunião dos redatores com a chefia do telejornal. A linha básica foi só uma: apanhar todo o pessoal que trabalha na elaboração de um telejornal "com a mão

na massa", e isto inclusive estendendo-se ao cinegrafista, o câmera e outros profissionais que dificilmente são enquadrados no vídeo.

Os repórteres não participaram da reunião que planejou o filme, mas aparecem logo em seu início. Adiante, surgem cenas do trabalho de ajustagem de uma filmadora sonora, de laboratório e da fase de montagem. Redatores, desenhista, editor de imagens, surgem a seguir, com estas diferentes etapas sendo apresentadas de forma simples e acessível.

Quem viu, gostou. A iniciativa da TV Difusora conseguiu dar uma idéia das dificuldades do dia-a-dia para a elaboração de um telejornal. Agora, de programa comemorativo, tornou-se um recurso para a disciplina de Televisão do curso de comunicação da UFRGS.

Ivete Brandalise fala do curso de comunicação



Ex-aluna do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a colunista Ivete Brandalise debateu com os alunos de Comunicação sobre mercado de trabalho e a possibilidade de aperfeiçoamento dos currículos.

NUMA MEDIDA INSÓLITA, QUE CAUSOU IMPACTO NO MUNDO INTEIRO, O GOVERNO PERUANO DECIDIU ENCAMPAR OS MAIORES JORNAIS DO PAÍS E ENTREGÁ-LOS A VÁRIOS SETORES DA POPULAÇÃO. AO CONTRÁRIO DO RÁDIO E DA TELEVISÃO (GERALMENTE ESTATAIS), A IMPRENSA GRÁFICA DO OCIDENTE SEMPRE PERTENCEU A PARTICULARES ROMPENDO ESTA TRADIÇÃO CENTENÁRIA, O PERU FAZ MAIS UMA TENTATIVA NO SENTIDO DE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PRÓPRIA E ORIGINAL PARA OS SEUS PROBLEMAS. ANTES VEÍCULO INFORMATIVO E FORMATIVO, PARTINDO DE UMA ELITE PARA O POVO E ATENDENDO FINALIDADES LUCRATIVAS, OS NOVOS JORNAIS PERUANOS PRETENDEM SER AGORA UM VEÍCULO DE FEEDBACK: DE BAIXO PARA CIMA E DE FORA PARA DENTRO.



PERU, O FIM DA MARGINALIZAÇÃO NA IMPRENSA

Depois de quatro anos no Brasil, o embaixador peruano Alberto Ruiz Elgrede retornou a seu país para dirigir uma das seis empresas jornalísticas expropriadas pelo governo. Fica a seu cargo o importante diário **Expresso** e o vespertino **Extra**, que agora representam os interesses da classe educacional. Entre professores, alunos e funcionários administrativos de escolas primárias e secundárias, institutos técnicos e universidades, estes dois jornais beneficiarão cerca de 3,5 milhões de pessoas.

Para Elgrede, a reforma de imprensa no Peru foi uma medida de libertação, apoiada por 90 por cento dos jornalistas (os outros 10 por cento criticam duramente a medida). Ele explica que antes desta reforma os quatro grandes diários pertenciam a quatro famílias poderosas, a cujos interesses obedeciam em prejuízo do povo. Como exemplo cita o caso de **La Prensa**, da família Beltrán, que defendia as empresas petrolíferas contra os interesses nacionais. Agora, este jornal pertence à comunidade industrial (incluindo os empresários) e beneficia um milhão de pessoas.

O jornal **El Comercio** cuida, atualmente dos interesses do camponeses e dos agricultores, servindo a quatro milhões de peruanos, enquanto o **Ojo** representa a classe de intelectuais, artistas, folcloristas e escritores (cerca de 200 mil pessoas). Além desses jornais, mais importantes, foram alterados ainda o **Correo**, que representa 200 mil profissionais liberais, e **Ultima Hora**, que depois da reforma serve a um milhão de peruanos que integram a comunidade pesqueira e a comunidade do país.

"A Reforma de Imprensa não significa estatização nem censura, mas sim liberdade", afirma o embaixador. "Queremos que a imprensa sirva aos interesses do povo, não ao governo e muito menos a interesses privados de poucos". Ele esclarece que somente os seis maiores jornais do país foram expropriados e entregues às diferentes classes sociais-econômicas. Os outros órgãos menores não sofreram modificações.

Segundo o embaixador não há censura. No entanto, várias medidas foram adotadas pelos jornais expropriados que constituem mudança de mentalidade. Por exemplo, foram eliminadas as notícias policiais. Elgrede argumenta: "Queremos evitar o mimetismo perigoso e a má influência na juventude, decorrente da publicação de

notícias de crime e da idolatria de bandidos violentos, como fizeram recentemente com Al Capone. E queremos, também, evitar a comercialização desumana e anticristã da mulher e do sexo para consumo". Em troca, garante o embaixador, criou-se o direito da retificação: qualquer pessoa citada na imprensa tem direito a escrever uma carta e tê-la publicada, mesmo que sua opinião seja contrária aos interesses do jornal. Se necessário pode dirigir-se à justiça comum, que assegura seus direitos.

CRÍTICAS

Das grandes centrais de trabalhadores, três aprovaram a reforma de imprensa e uma se manteve neutra. Mas o povo, os militares e a igreja deram todo o apoio à reforma, afirma o embaixador peruano. A sociedade Interamericana de Imprensa criticou asperamente o governo do Peru por ocasião da reforma, mas para ele esta entidade "não merece nenhum respeito", pois não defendeu os jornalistas contra assassinatos e outras arbitrariedades feitas anteriormente. "São negociantes de notícias que defendem os interesses internacionais", define Elgrede.

A estabilidade de trabalho aos jornalistas (uma consequência da Revolução Peruana) e a atual Reforma de Imprensa, afirma, promoveram a integração de dois terços dos profissionais do Jornalismo que antes estavam marginalizados. Mas muitos também renunciaram por estar descontentes com as expropriações. Há cerca de três mil jornalistas no Peru. Para ele, esta Reforma coincide com as necessidades do jornalismo expressas no último informe da UNESCO.

Pacifista, o governo peruano não quer nem pode afastar a oligarquia do país, que ainda detém bastante poder. Uma prova disto, segundo o embaixador, é a reabertura da revista **Careta** (de direita), fechada uma vez pelo governo mas que agora ataca inclusive ministros de Estado.

As novas empresas jornalísticas seguem o mesmo esquema de outras socializadas pelo governo peruano. O embaixador afirma que "os peruanos fazem eleições diárias, para escolher seus chefes de trabalho: em cada fábrica temos um chefe eleito, não mais um ditador. É verdade que o povo ainda não pode escolher os chefes da nação, mas isto virá com o tempo. Assim, teremos uma democracia plena".



Alberto Ruiz Elgrede

foto Folha da Manhã

SUPER CENTRO CEPAL

O Supermercado do Estudante

Todo material escolar, do lápis ao gravador. Discos, eletrodomésticos, calçados, vestuário masculino e feminino, estão sempre em oferta na Cepal.

Tudo até 10 pagamentos, sem entrada. Com descontos especiais nas compras à vista.

Vá até o
SUPER CENTRO CEPAL.
É ali na
André da Rocha, 216
Fones: 24-4208
23-4958



APP

parada do trabalho, os meios do fim, o esforço da
 rentado a um único e diminuto fragmento do
 penas como um fragmento. Escutando sempre
 r da roda que ele faz girar, jamais desenvolve
 er e, em vez de dar forma à humanidade que
 verte-se em simples marca de sua ocupação,
 a ciência." Schiller



As reais são substituídas
 E as pessoas entregam-se
 desejos impossíveis.



Milhões de consumidores desesperados enchem as ruas das
 grandes cidades tentando encontrar uma incógnita auto-realização.



Os divertimentos são poucos, caros e perigosos. Opção barata: ficar em casa

Em Porto Alegre — tida como uma das maiores cidades do Brasil em população e desenvolvimento — é possível encontrar diversão? O problema basicamente depende de uma infra-estrutura de prestação de serviços que, na verdade, ainda é precária. Embora existam boas opções para o porto-alegrense e para o turista, a cidade deixa muito a desejar.

A faixa de menor poder aquisitivo tem pouca escolha: um simples passeio pelas ruas ou praças implica em enfrentar muitos buracos, sujeira e a incômoda presença dos exploradores do comércio de bugangas, até os pivetes e punquistas. Os parques de diversão já dependem do dinheiro disponível para aproveitar as atrações oferecidas. As praias carecem de coisas fundamentais, como cuidado, manutenção, rede de esgotos, transporte eficiente, policiamento e principalmente água para o "banho".

Alguma coisa parece estar sendo feita para melhorar a situação: o camping do balneário de Guarujá está funcionando e dá um relativo conforto a seus usuários. Mas estes programas já são mais apropriados ao pessoal de melhor renda ou então aos magrinhos, que não dão tanta importância às comodidades.

Há pouco mais de um ano se descobriu que casas de samba seriam uma boa oferta ao público.

Quem pode (financeiramente) vê gente da casa fazendo música, numa iniciativa de poucos bares e restaurantes da capital (Chão de Estrelas, Batelão, Emboscada) já que a maioria (amontoada na avenida Protásio Alves) do burguês bairro de Petrópolis e ao longo da Getúlio Vargas, no proletário Menino Deus, prefere as fitas com música estrangeira ou nenhum som.

Os preços não incentivam muito a procura e a mentalidade das gerências de casas noturnas ainda está parada na época da província. Há restaurantes que, depende da hora e do número de fregueses, fecham suas portas e encerram o expediente, sem pedir ao menos desculpa a quem ainda está na mesa. Outros não servem a tradicional caipirinha com cachaça, e os garçons fazem questão de destacar que "a minha não trabalha com cana". Mas, ao mesmo tempo a casa

serve uísque falsificado e filé à Veneza ou à Parmeggiana como se fossem a mesma coisa.

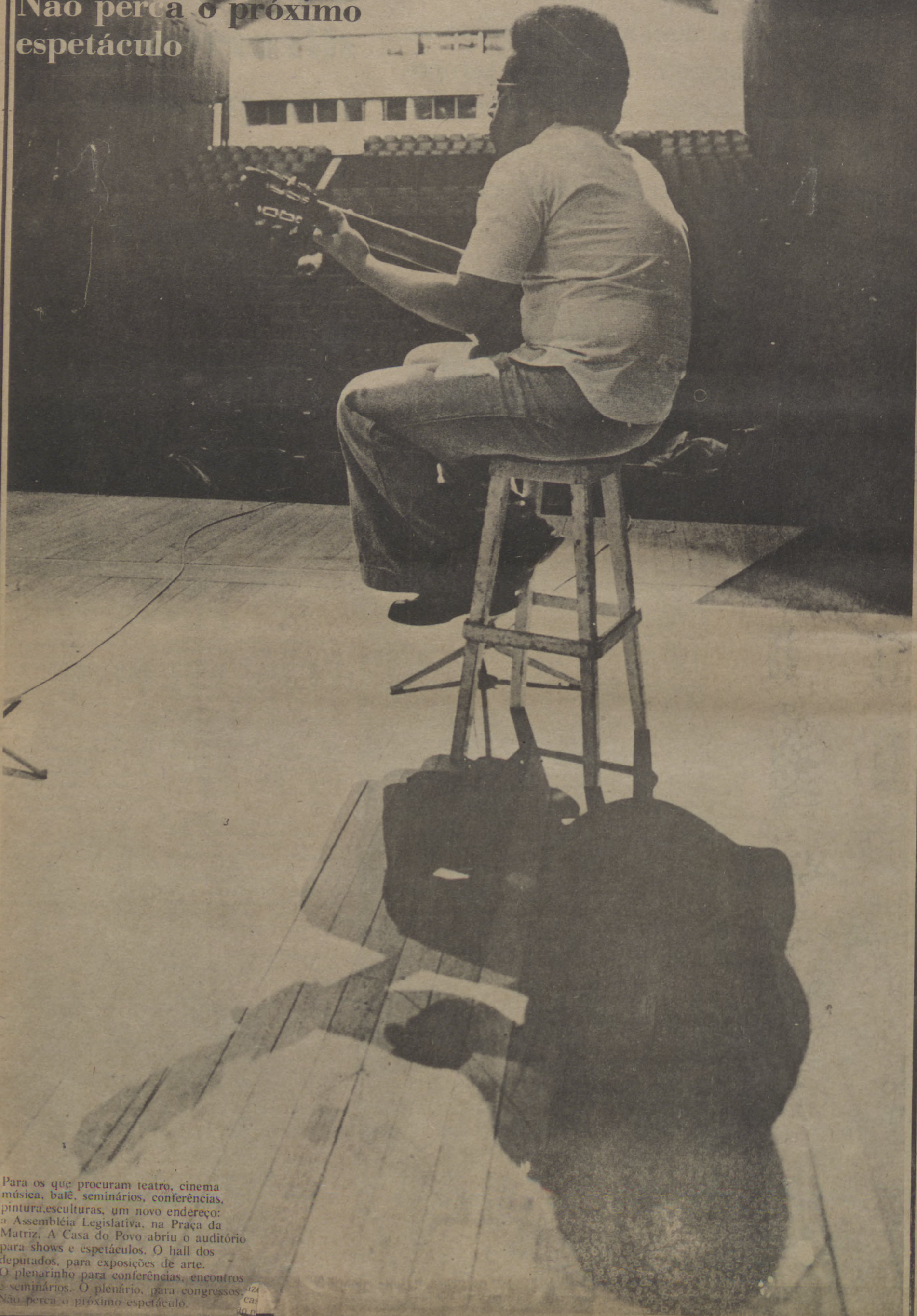
Na linha de diversão-por-mais dinheiro há os restaurantes dançantes, na mesma base dos barzinhos: muita música importada ou então velhas gravações de tangos e boleros. Para os que gostam de comer bem as (caras) opções vão do Plaza São Rafael, ao restaurante do aeroporto Salgado Filho, passando por restaurantes chineses (Lokun, Pagoda, Pequim), italiano-espanhóis (Cantina do Pepe), português (Dona Maria) e o tradicional - gauchesco - Negrão, bem popular, perto do rio Guaíba e das duas casas de clubes de futebol: Mosqueteiro, do Grêmio e Saci, do Internacional, que mantém uma casa de chope (meio desacreditada - o Barril. As boates e inferninhos servem a toda a população: da mais barata a mais cara o freqüentador corre o risco de pagar uma dose de bebida nacional rotulada como estrangeira.

A verdade é que junto com o problema qualidade vem o da quantidade, ou seja, o dinheiro disponível para se divertir. O poder aquisitivo da população a divide em grupos que podem aproveitar mais ou menos o que existe de bom. E, na mesma proporção, agüentar os problemas.

Com isso, a poluição, o índice de criminalidade e o próprio trânsito perturbado, e ainda as praças, ilhas próximas, pedalinhas da Redenção ou de Ipanema devem ser encarados como opções relativas de reflexos diferentes nas diversas faixas da população.

A violenta transformação que a cidade sofre acentua ainda mais o problema: na constante derrubada e desvalorização de coisas históricas (prédios do início do século e praças, como o Alto da Bronze, completamente descaracterizadas pelo concreto) a organização desaparece. E a capital do Rio Grande do Sul vai se transformando, aos poucos, num local onde as pessoas se movem por interesses profissionais e procuram se divertir da maneira mais cômoda e barata possível: vendo televisão, ouvindo rádio, lendo ou então indo ao cinema. E assim mesmo - obedecendo a uma tendência geral - cada vez é maior o número de cinemas que fecham, particularmente nos bairros.

Não perca o próximo espetáculo



Para os que procuram teatro, cinema, música, balê, seminários, conferências, pintura, esculturas, um novo endereço: a Assembléia Legislativa, na Praça da Matriz. A Casa do Povo abriu o auditório para shows e espetáculos. O hall dos deputados, para exposições de arte. O plenarinho para conferências, encontros e seminários. O plenário para congressos. Não perca o próximo espetáculo.

NESTE JOGO A DEFICIÊNCIA NÃO É OBSTÁCULO

Henry Viscardi Jr. nasceu sem pernas, mas mesmo assim pagou seus estudos com o que ganhava como juiz de basquetebol sentado numa cadeira de rodas. Rafik Nessayoy ainda nada com ajuda de muletas, mas chegará o dia em que vai dispensá-las, como outros já fizeram. Tony Willis, de 18 anos, teve sua perna esquerda amputada e salta barreiras de até 1,83m em altura. Três rodas de cadeira entrelaçadas foi o símbolo da Olimpíada que reuniu em 1972, dezenas de deficientes físicos de 41 países, em Heidelberg, na Alemanha.

Quando 16 homens e mulheres parapléticos do peito para baixo disputaram o campeonato de arco e flecha em Steke Mandeville, 1948, começou a realização do sonho do médico alemão Ludwig Guttmann, de fazer do paraplético um ser em condições de entrar na competição da vida como qualquer outra pessoa. Os movimentos e a coordenação motora do deficiente são incompletos provocando uma tensão psicológica que bloqueia e dificulta o contato com o mundo exterior. A curiosidade que um paraplético desperta em qualquer lugar, causa-lhe um sentimento de inferioridade e uma insegurança que o levam ao isolamento voluntário e a atitudes anti-sociais.

Tomando parte em competições esportivas ele vence a barreira que o impede de ser igual aos outros e recupera seu equilíbrio psicológico, tornando-se capaz de realizar qualquer tarefa. Além disso, ele é obrigado a entrar em contato com o mundo que o rodeia, passa a ter atitudes que o reintegram na sociedade e fica capacitado a realizar um trabalho produtivo.

Os primeiros jogos de Steke Mandeville transformaram-se num Festival de Esportes que se realiza anualmente e que de quatro em quatro anos se incorpora aos Jogos Olímpicos.

Quatro Festivais Internacionais são realizados todos os anos no Estádio de Steke Mandeville: para crianças deficientes, disputas nacionais e internacionais entre jovens e os campeonatos entre adultos multideficientes.



Estes jogos proporcionam a um atleta que tenha uma perna amputada, oportunidade de disputar uma competição de esqui, salto de vara, hipismo, basquete ou até ser goleiro num jogo de futebol.

O Estádio foi construído por contribuições voluntárias de pessoas de todas as idades e classes sociais (uma pequena verba do governo) e até dos próprios parapléticos com qualquer fonte de renda. Mas a base de tudo foi a firme determinação do dr. Ludwig em fazer dos deficientes físicos pessoas respeitadas por todos como seres capazes de lutar.

Isso parece já estar sendo alcançado seis meses depois das Olimpíadas de



Fotos revista Correio (da UNESCO)



Tóquio (1964) e como conseqüência da atuação dos deficientes, o governo japonês inaugurou uma fábrica especialmente projetada para explorar a capacidade dos parapléticos. Atualmente, os arquitetos já estudaram a melhor maneira de construir escadas e projetam para os cruzamentos das ruas uma rampa anti-derrapante, para possibilitar maior acesso aos deficientes a todos os ambientes.

É preciso encontrar soluções para eliminar as barreiras que ainda existem

Residências, cinemas, teatros, clubes recreativos, prédios públicos sempre foram planejados prevendo a sua ocupação e aproveitamento por pessoas fisicamente normais. Os ambientes são cheios de barreiras para aqueles que não podem caminhar ou enxergar. As escadas, as portas e os corredores são projetados sem levar em conta que pessoas em cadeira de rodas terão de se utilizar deles. Inclusive as ruas não têm uma sinalização que permita a locomoção dessas pessoas.

E isto acontece apesar de organizações para o amparo de deficientes trabalharem e promoverem campanhas

procurando motivar arquitetos, engenheiros e urbanistas a planejar cidades que permitam a locomoção indistinta de pessoas normais e deficientes. Já foram apontadas como soluções, por exemplo, a fixação de tabuletas indicando trânsito de pessoas com deficiências visuais ou motoras.

Os arquitetos deveriam calcular corredores e portas de modo a permitir a movimentação de pessoas em cadeiras de rodas. As medidas ideais já foram calculadas: 1 metro e 20 centímetros de largura e 1 metro e 30 centímetros nas curvas. As escadas, revestidas com material anti-derrapante teriam as beiradas dos degraus arredondados e inclinados para fora, acompanhando a posição natural do pé. O corrimão seria projetado de uma altura que atendesse tanto as pessoas normais como as deficientes.

Um estudo realizado para ver como seriam as rampas de acesso para cadeiras de rodas concluiu que a inclinação não deve ser superior a cinco por cento e a altura do corrimão não deve ultrapassar 96 centímetros acima da rampa.

No caso das ruas, uma rampa junto às faixas de segurança facilitaria a descida das cadeiras e mesmo daqueles que se locomovem com a ajuda de muletas. Para os cegos, um calçamento de material apropriado facilitaria o reconhecimento do terreno.

OUTRO JOGADOR ENTRA EM CAMPO: A PUBLICIDADE



foto Zero Hora

**Esta Editora não lançou
O Exorcista
nem O Poderoso Chefão
ou outros títulos que
aparecem nas listas
dos mais vendidos.**

**Mas lançou: *Atenção-Sgnos-Graus de Informação;*
Anatomia Funcional de Sistema Nervoso;
Intervalo de Tempo para Cálculo da Velocidade
Básica do Vento; ; *Oferta e Procura Educacional;*
Cadernos de Música; *Metabolismo Social da Cidade;*
Ensino Individualizado e outros títulos didáticos e
técnico-científicos. E a preços de feira, de janeiro
a dezembro. Professores e Estudantes ainda
*recebem 20% de desconto.***



**Editora da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul**

Rua Jacinto Gomes, 540 — 5º andar
Tel. 23-42-21

Distribuidora: Editora Vozes Ltda.
Rua Riachuelo, 1280
Tel. 25.1172

Sábado, seis de julho, Estádio Olímpico de Munique. A Seleção Brasileira está entrando em campo para jogar sua última partida. Os torcedores brasileiros estão no estádio. Com bandeiras, muito calor, roupas coloridas.

Mas tudo apresentava um incrível problema de cronologia para os brasileiros: eles estavam para acompanhar as jogadas de seu time no dia errado. Afinal, o jogo que decidiria a Copa do Mundo seria disputado apenas no dia seguinte, domingo.

Apesar disso, continuava valendo o acordo entre o diretor de marketing do Banco União Comercial, Guilherme Vidal, e o preparador físico Admildo Chirol. Eles haviam combinado que, após o primeiro gol marcado pela Seleção, os jogadores correriam em direção ao local da placa (propaganda do BUC), que havia custado Cr\$ 80 mil para ser colocada no Estádio Olímpico, bem à vista dos brasileiros.

Mas a torcida brasileira e a equipe de fotógrafos encarregada de registrar o grande momento em que os jogadores se abraçariam emocionados em frente à placa, com o cuidado de não escondê-la, se decepcionaram. A incapacidade brasileira de marcar golos, e a festa polonesa se encarregaram de frustrar o plano publicitário. E o mais grave: a primeira tentativa envolvendo diretamente os jogadores brasileiros na corrida alucinante da publicidade para atingir uma nova fatia do mercado consumidor.

Ultimo Obstáculo

Pelos cálculos, 11 por cento dos torcedores que se encontravam no Estádio de Munique perceberam o anúncio do BUC. E este foi um fator praticamente decisivo para que se confirmassem as iniciativas que já estavam sendo tomadas aqui no Brasil.

A Shell já tem um acordo estabelecido com o Palmeiras para que seus jogadores façam propaganda da companhia. E a Pepsi-Cola tratou de firmar um compromisso bem mais específico com o Botafogo. Os jogadores desse Clube também deverão fazer propaganda mas não receberão nada por isto. Apenas o clube receberá pelo contrato com a aquela indústria o que, segundo sua direção, deverá colocar as finanças do Botafogo em dia.

E essa movimentação rápida nos contatos entre empresas, indústrias, bancos e clubes de futebol tem uma explicação bem simples na tentativa do deputado paulista Maurício Toledo para modificar a Lei Federal de 1941, que regula o esporte.

Essa lei permite apenas, que seja feita propaganda nos agasalhos usados pelos Atletas. Nada sobre qualquer espécie de veiculação comercial nas outras peças do fardamento. Maurício Toledo já conseguiu que seu projeto, contrariando a lei de 41, fosse aprovado na Câmara Federal. A gora, o projeto está sendo estudando pela Comissão de Educação e Cultura do Senado para ser, posteriormente, submetido à aprovação. É o último obstáculo para que os anúncios publicitários possam se misturar a números e distintivos de camisetas e, naturalmente, serem gravados por milhares de pessoas. Em campos de futebol, jornais, televisão e revista.

Evitar os Erros

Mas o que à primeira vista parece uma excelente idéia, só não comparada ao ovo de Colombo porque já é praticada há anos na Europa, encontra resistência entre os próprios publicitários.

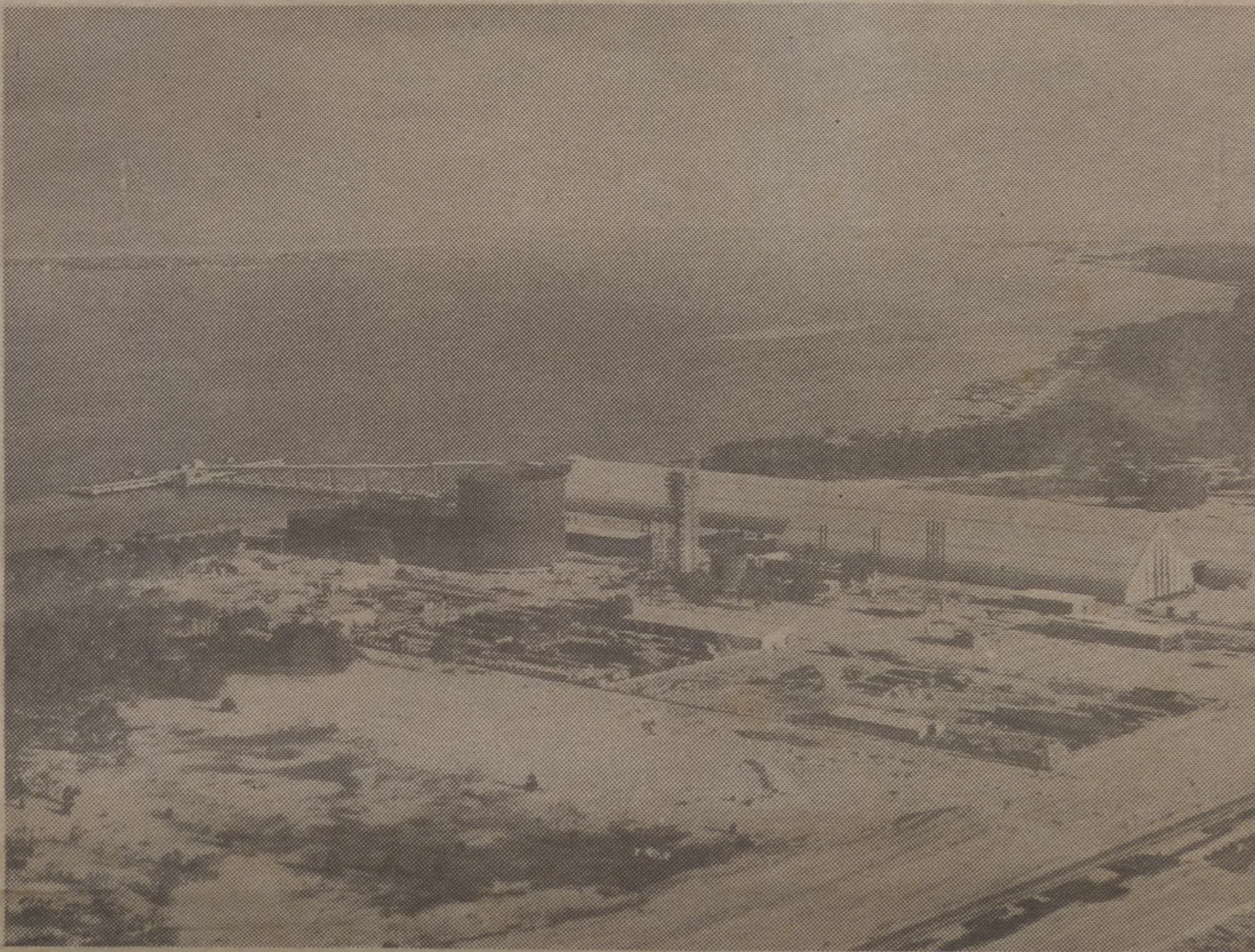
O problema mais grave levantado por alguns deles questiona a utilidade desse tipo de propaganda. E em Porto Alegre chegou a se pensar numa pergunta-exemplo para situar essa preocupação: o que aconteceria às vendas do produto que fosse anunciado pelos jogadores do time derrotado em um clássico Grenal?

A questão levantada se torna mais grave à medida em que os publicitários vão lembrando que este esporte, no Brasil, mantém uma relação muito direta com a emoção. O suficiente para que um plano elaborado cuidadosamente durante meses, e tecnicamente perfeito, pudesse se transformar num fracasso completo em apenas 90 minutos.

Enquanto se pensa nas vantagens de assumir esse risco, uma outra dificuldade já está sendo abordada. A tendência dos acordos é prever lucros para os clubes. E os jogadores? Diversos já foram consultados, acharam boa a idéia, mas franziram a testa quando foram informados de que não receberiam nada.

Uma solução estudada é o pagamento apenas dos jogadores de maior projeção. Mas também se reconhece que não se trata da melhor saída. Os problemas já existentes pelas diferenças salariais nos clubes de futebol ficariam mais agravados ainda.

De qualquer maneira, as pesquisas continuam, enquanto se aguarda a decisão do Senado. E afinal de contas, o novo mercado é promissor demais para ser prejudicado com decisões afobadas daqueles que trabalham para dirigir os impulsos mais espontâneos desse mesmo mercado.



**Aubos Trevo
estão construindo
sua fábrica de
fertilizantes em
Rio Grande para fazer
nossa terra melhor.**

O complexo industrial que Aubos Trevo estão construindo no superporto de Rio Grande para a produção de fertilizantes NPK (nitrogênio, fósforo e potassa) e DAP (fosfato diamônio) e superfosfatos granulados, está em fase final.

Há pouco foi inaugurado o terminal marítimo próprio, com capacidade de descarga automática de 500 toneladas por hora, já em operação para navios de grande calado. Atualmente, encontra-se em montagem o moderno equipamento destinado à unidade de superfosfatos granulados. Nutrientes básicos para as lavouras do sul do país, estes superfosfatos serão produzidos em quantidade superior a 170 mil toneladas/ano. Quando concluído todo o complexo industrial de Rio Grande, além dos superfosfatos, serão produzidas mais 450 mil toneladas/ano de fertilizantes compostos granulados NPK e DAP. Com isso, Aubos Trevo estão colaborando decisiva-



mente para o progresso da nossa agricultura, através de um crescente aumento de produtividade.

ADUBOS  TREVO
INDÚSTRIAS LUCHSINGER MADÖRN S.A.



Dinosul.
O supermercado
onde carinho
também e gênero
de primeira
necessidade.



dinosul

Av. Wenceslau Escobar, 1286

Murilo explica seus contos e as dificuldades do autor sem dinheiro

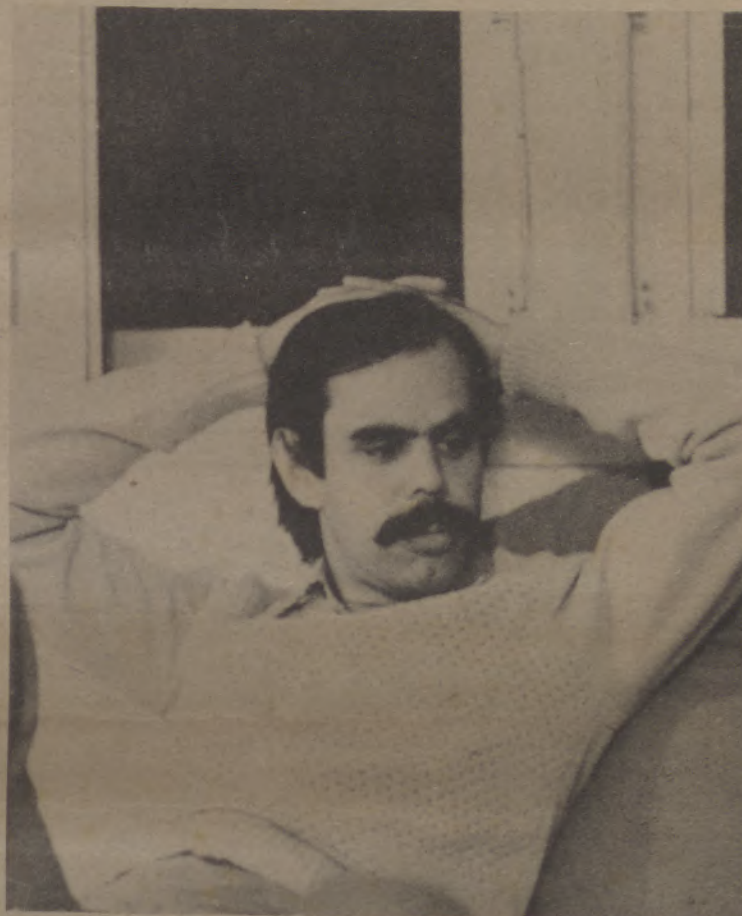
Entrevista com Murilo Carvalho



"Atualmente no Brasil existem duas escolas de cultura, mas eu não me ligo a corrente nenhuma, não tenho nada a ver com nada". — Murilo Carvalho (mineiro que vive por aqui), premiado recentemente no Concurso Nacional de Contos, com três trabalhos inscritos pela primeira vez com unanimidade dos jurados na escolha, acha que no Brasil há 2 correntes, a do realismo fantástico e a outra que é uma

especie de hiper-realismo. "Eu não sou na verdade nem uma coisa nem outra. Meus contos nada tem a ver com realismo fantástico, embora tenham um pouco deste realismo, e muito menos com o hiper-realismo.

Não me identifico com nenhuma destas escolas, sou livre, não me prendo à regras ou normas, quando escrevo".



negro velho que viveu toda a sua vida numa cidade do interior de Minas, sem nunca ter visto o mar. Mas ele se acha um marinheiro e sempre sonha com isto. Sua casa é cheia de recortes de revistas, com vista do mar, de navios... É uma especie de nostalgia, este conto é mais romantico, os outros dois, são mais criticos bem violentos no sentido emocional. Num destes contos, As Raizes da Morte o personagem se identifica com um ribeirão, tem uma ligação vital com ele. Este conto é meio de misterio, a estoria vai se desenrolando, vai acontecendo devagarinho e termina numa baita violência, às vezes até me assusto".

O cara vive em função deste ribeirão, até que um dia ele começa a mudar, sua água vai mudando de coloração, até perder a vida. Vai ficando vermelha e quando já não há mais vida alguma, quando já não há peixes, ele resolve pegar um barco navega, à medida que vai subindo, a água vai ficando cada vez mais avermelhada, até que ele descobre uma fabrica que é a causa da morte. A estoria continua até a violencia final, quando o homem encontra As Raizes da Morte.

Os cupins, Como Uma Cachoeira, se passa numa cidade do interior de Minas, Doradinho, que vai desaparecendo, Nesta cidade vive apenas um cara que se ralou a vida inteira e que um dia foi valentão. Os moradores foram para outro lugar, e o Nico Matuta, personagem principal, fica só e procura conservar a memoria das pessoas que ali viveram. Nas portas das casas ele escreve o nome de quem ali viveu, tentando assim conservar a vida de uma cidade que deixou de existir. Mas os cupins vão destruindo estas casas, até chegar nele, quando nada mais havia. A medida que os cupins vão agindo, o barulho da cachoeira vai aumentando, até chegarem nele.

Murilo está agora fazendo três coisas ao mesmo tempo. Escrevendo um conto e duas novelas. Uma das novelas está com 50 páginas, a outra ainda poderá ser publicada até o fim do ano. No Brasil as dificuldades são muitas para um contista. Ninguém compra contos, logo ninguém quer publicar.

Hoje para se publicar um livro de contos, diz Murilo, precisa-se no minimo de 15 mil cruzeiros A grande chance deste concurso é que os caras publicam um livro da gente, de graça. E o único jeito para quem não tem condições para publicar seu proprio livro. Outro problema é que há muita literatura por aqui. Muita gente com dinheiro, publica livros ruins, mediocres e com isto nossa literatura vai se perdendo. Se não se tem um sistema de distribuição organizado, ai então o cara sofre paca". Por enquanto, só a mulher de Murilo conhece seus contos. Eles serão publicados somente dentro de alguns meses, pelos proprios organizadores do Concurso, num livro que terá também um conto dos outros participantes premiados.

Murilo mora agora numa acolhedora casa na beira do Guaíba, e com esta tranquilidade ele segue seu trabalho, sempre desencadeando estorias carregadas de realidade, mostrando problemas que o homem está se prendendo cada vez mais, sem saída, e sem tampouco perceber que os está vivendo.

O que as entidades culturais oferecem para o Rio Grande do Sul

Rio Grande do Sul está entre os Estados que mais receberam ajuda de entidades governamentais no terreno das artes — música, artes plásticas e teatro. Há uma programação que pode ser considerada excelente, não só em Porto Alegre, como por todo o interior.

Quatro entidades se destacam nesse setor: a Divisão de Cultura, do Município de Porto Alegre, o Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura, a Empresa Porto-Alegrense de Turismo (Epatur) e a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA).

A Divisão de Cultura do Município, orientada por Rosa Maria Maleiros, se encarrega da divulgação da arte dentro de Porto Alegre. Não há uma preocupação de atender apenas as exigências das chamadas classes A e B. A Divisão procura divulgar os espetáculos para pessoas de menor poder aquisitivo, através de Carrossel e Tenda de Cultura, que são armados nos bairros mais afastados. Para os centros comunitários de bairros e vilas populares, são levados filmes, espetáculos de teatro e de música popular e escolhinhas de artes.

Para as classes A e B, a Prefeitura promove exposições em suas galerias — Pinacoteca Rubem Berta e Galeria Aldo Malagoli — além de auxiliar grupos experimentais de teatro. O Teatro de Câmara da Prefeitura, com uma programação diária, mantém uma galeria onde funciona o Museu Didacta, com cerca de 80 cópias dos melhores quadros e esculturas dos grandes museus do mundo.

Há ainda o Auditório Araújo Vianna, que serve para apresentações de espetáculos de balé, folclore e música popular.

O bom trabalho do Departamento de Assuntos Culturais da SEC se desenvolve, principalmente, no interior do Estado, para onde são levados concertistas, como Miguel Proença, Roberto Szidon, Pelotas, Bagé e Santa Maria, entre outras cidades de tradição cultural,

estão recebendo artistas de renome nacional e internacional. E pequenos municípios, que até bem pouco não tinham nem cinema, têm possibilidade de ver a apresentação de peças teatrais, que na maioria das vezes são encenadas em palcos improvisados, mas que servem para divulgar a cultura.

Fora disso, há um intercâmbio cultural com diversos países, através de suas embaixadas e consulados, através do qual o Museu de Arte do Rio Grande do Sul lança artistas e artesões russos, britânicos, australianos, poloneses.

A Epatur ganhou grande popularidade com a criação do Mercado atração de todos os domingos e feriados em Porto Alegre. Ali são expostos trabalhos de artistas amadores e profissionais, como Zorávia Botiol, e Alice Soares e Aldo Malagoli, nomes premiados em salões.

Cabe à Epatur, também, promover o carnaval de rua que passou a figurar entre as atrações obrigatórias do calendário turístico da cidade.

A OSPA é considerada como a melhor orquestra sinfônica do País. Antes, sua atuação estava restrita unicamente ao Estado, mas, agora, começa a ter projeção nacional. Suas apresentações no Rio e em São Paulo, acompanhando o Royal Ballet, lhe grangearam categoricamente nacional e os melhores elogios da crítica especializada, e também internacional, com os concertos no Sodrê de Montividéu, e Punta del Este.

Entidade particular, com assessoria estadual, a OSPA se projeta sempre e cada vez mais. Ela não fica unicamente nos concertos, mas no lançamento de operas, onde se destacam nomes da Escola de Canto da OSPA e o seu oral.

Aos poucos, Porto Alegre e o Estado ganham uma liderança nas artes para o povo, na atenção que elas merecem dentro dos departamentos governamentais, com uma boa série de espetáculos, que podem ser assistidos por todos.

Embora as estorias se passem em cidadezinhas do interior mineiro, a estrutura dos seus contos não é regional. Sua linguagem é nova diferindo-se da comum. São estorias cheias de verdade e carregada de realismo, pois abordam os problemas que o homem vive hoje.

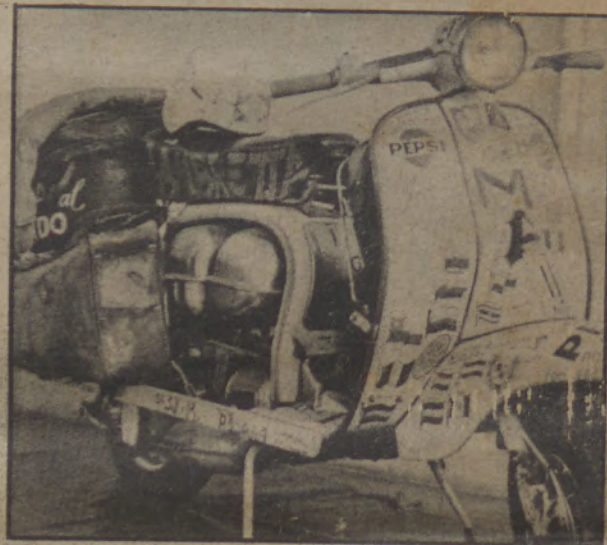
Acidentalmente, diz Angelica sua esposa, os 3 contos se passam em Minas Gerais (acidentalmente coisa nenhuma, contesta Murilo, mas Angelica logo explica). O regionalismo é ocidental, mas o conteúdo é universal, os problemas que as estorias levantam existem em qualquer lugar. Neste aspecto, diz Murilo, é acidental, porque realmente os contos não são regionais. O que acontece ali, acontece na China ou em qualquer outra parte do mundo".

"Do ponto de vista da atualidade, os contos são bem conduzidos. Todas as estorias são passadas hoje e colocam o homem mutante, o homem de hoje que recebeu uma super informação da sociedade de consumo, um homem que já está de certa forma velho: estas informações mudaram o esquema em que vivia o homem. Chegou a televisão, o esfalto, o automóvel rápido, o nego se perdeu na vida, e não chega a ter ideia do que está acontecendo. Eu peguei este momento da mudança, peguei o que se passava na cuca dele, em decorrência da mutação à ele imposta".

Por exemplo, em De Repente o mar, um dos contos, o personagem é um

Museus: a pulverização de acervos

O patrimônio cultural do Estado não encontra em nossos museus as melhores condições para exposição de importantes acervos existentes sobre várias áreas do conhecimento. O mais conhecido, o "Júlio de Castilhos" está sendo considerado um "bric-a-brac", mas há perspectivas de melhores dias.



**Aproveite o verão
pra colocar
um pouco de cultura
debaixo do seu bronzeado.**

Leia.



LIVRARIA DO GLOBO S. A.

ANDRADAS, 1416 - CX. POSTAL 349 - TEL. GLOBO - PORTO ALEGRE - BRASIL

O Rio Grande do Sul é um Estado deficitário em museus. Embora existam organismos preocupados com a preservação de elementos culturais que, nas mais diversas formas e espécies, podem se transformar em acervos para estudo, a deficiência de verbas, instalações e pessoal habilitado sobrepõe-se a seus esforços.

O Museu Júlio de Castilhos, considerado o melhor do Estado, não passa de um "bric-a-brac" para o historiador Paulo Xavier. Ele condena a existência no museu, das botas do gigante ou da lambreta que deu a volta ao mundo. E explica as duas alternativas válidas para a organização de museus em geral:

Podem ser constituídos por umas poucas peças representativas dos diversos períodos de tempo para o qual se voltam, estruturados em seqüência lógica, que permitam ao visitante uma visão de conjunto, ou podem ser específicos, isto é, reunindo o maior número possível de segmentos demonstrativos de uma especialidade ou de um momento histórico.

Em resumo, um exemplo de museu da primeira definição seria o Arqueólogo de Taquara, que está sendo estruturado pelo Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura, e que reúne fósseis antigüíssimos que retratam o passado geológico, mineral, vegetal e animal do Estado. Além disso, fornece valiosos subsídios para o estudo das condições de vida dos índios, que antigamente habitavam os campos do Rio Grande.

Para a diretora do Departamento de Assuntos Culturais, Antonieta Barone, os museus são valiosos também para a complementação do processo educacional dos alunos de 1º e 2º graus. E cita os estabelecimentos vinculados à SEC: Museu Arqueólogo de Taquara; Museu Histórico Farroupilha, em Piratini; Museu Júlio de Castilhos; Museu de Arte do Rio Grande do Sul; Museu Riograndense de Ciências Naturais e Museu Estadual de Comunicação Social.

CIÊNCIAS NATURAIS

O Museu Riograndense de Ciências Naturais está passando para a área da recém criada Fundação Zoobotânica, que inclui ainda o Parque Zoológico e o Jardim Botânico. No antigo prédio da Televisão Educativa, dentro mesmo do Jardim Botânico, ficará a nova sede deste Museu. Atualmente, escondido no 6º andar de um edifício do centro de Porto Alegre, comprimido em reduzidas

instalações, serve apenas - e mal - aos pesquisadores. O grande público não chega até lá.

E intenção da Fundação, por outro lado, reunir naquele local outros museus relacionados com o tema central e que se encontram dispersos junto a particulares, instituições estatais ou para-estatais, e de ensino. Neste último caso se situariam na coleção acervo de mais de 25 mil exemplares catalogados da flora gaúcha (organizada pelo Instituto de Biociências da UFRGS), o Museu de História Natural da PUC, ou ainda a maior coleção de minerais radioativos da América do Sul, do Instituto de Geociências da UFRGS.

COMUNICAÇÃO

O Museu Estadual de Comunicação Social é o mais recente de todos, tendo sido constituído há poucas semanas. Com sede no antigo prédio da Imprensa Oficial, reunirá cerca de 12.500 jornais e 860 coleções de revistas, num total de oito toneladas de materiais. No acervo deste Museu, denominado "Hipólito José da Costa", inclui-se ainda o equipamento da tipografia que imprimiu o "Diário de Porto Alegre", editado em 1827 e o primeiro do Rio Grande do Sul.

OUTROS MUSEUS

Ainda se podem acrescentar diversos museus ligados aos poderes públicos municipais, ou organizados por particulares. Exemplos são o Museu Erico Veríssimo, de Cruz Alta; o Museu Tradicionalista e o Arquivo Regionalístico do CTG Rincão da Lealdade, de Caxias do Sul; O Museu da Brigada Militar do Estado; o "Museu Histórico Visconde de São Leopoldo" e o Museu de Armas de Arlindo Pedro Zatti.

No entanto, em todos estes, como nos organizados pela SEC, ainda falta uma sistematização de aproveitamento do acervo, capaz de transmitir, de maneira acessível aos diversos públicos as características e a importância dos elementos expostos. Um exemplo disto é a recente exposição de parte do Museu Imperial de Petrópolis e do Museu Histórico Nacional, realizada no Salão de Festas da Reitoria da UFRGS.

Sem um texto que os auxiliasse, professores e alunos ficaram na dependência de um catálogo excessivamente técnico, que não esclarecia os detalhes históricos em relação às peças apresentadas, mas apenas lhes definia as características.